

TFG 2 - FAU - UFRJ - AMANDA VAZQUEZ DIAS

Construir abrigo

Experimentações morfo-programáticas do habitar

Orientador: Carlos Feferman



RESUMO

O tema abordado é sobre a habitação contemporânea, trabalhando-se em cima de um edifício misto modular. Busca-se experimentar a aplicabilidade da residência adaptável, mais especificamente em Botafogo, no Rio de Janeiro. O assunto parte da problematização da arquitetura residencial que pouco vem se adaptando às novas necessidades da sociedade contemporânea. Entende-se que as construções estão sendo moldadas por interesses mercadológicos, o que gera espaços padronizados e com pouca relação com seus usuários.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	
2. Metodologia.....	
3. Tema.....	
4. Análises:	
4.1. A essência do habitar.....	
4.2. A história da habitação no pós-guerras.....	
4.3. A sociedade contemporânea.....	
5 . A proposta.....	
6. Referências projetuais.....	
7. O recorte espacial.....	
8. Intenção projetual.....	
9. Referências bibliográficas.....	

INTRODUÇÃO

A partir de experiências pessoais, surgiram observações sobre a habitação contemporânea e as mudanças que sofreram, decorrentes principalmente pelas transformações na célula familiar, seus novos hábitos e costumes, e também pelas determinações da legislação urbana.

As modificações nos programas projetuais e volumétricos habitacionais, no entanto, ainda respondem a uma sociedade mais próxima da Era Vargas do que dos tempos atuais, em que já se percebem outras formas de viver. Uma breve investigação da contemporaneidade a ser apresentada demonstra novas necessidades que devem se expandir para o campo da arquitetura e do urbanismo, de forma a integrar mais o indivíduo com seu entorno e com a cidade.

Analisa-se então a necessidade da função de "abrigo" da casa, que proporciona acolhimento e pertencimento, ligada diretamente a cultura e hábitos de seus moradores, junto com um contexto histórico sobre a busca por esses critérios arquitetônicos, diferentes dos espaços padronizados e engessados, presentes na história da arquitetura há séculos.

Espera-se com esse estudo, projetar um conceito de edifício que represente melhor as novas demandas da sociedade e da cidade, sem ser indiferente aqueles que a utilizam.

METODOLOGIA

O tema desenvolvido surgiu a partir de uma inquietação pessoal a respeito das ofertas imobiliárias no mercado do Rio de Janeiro, sendo interessante começar com o porquê dessa motivação.

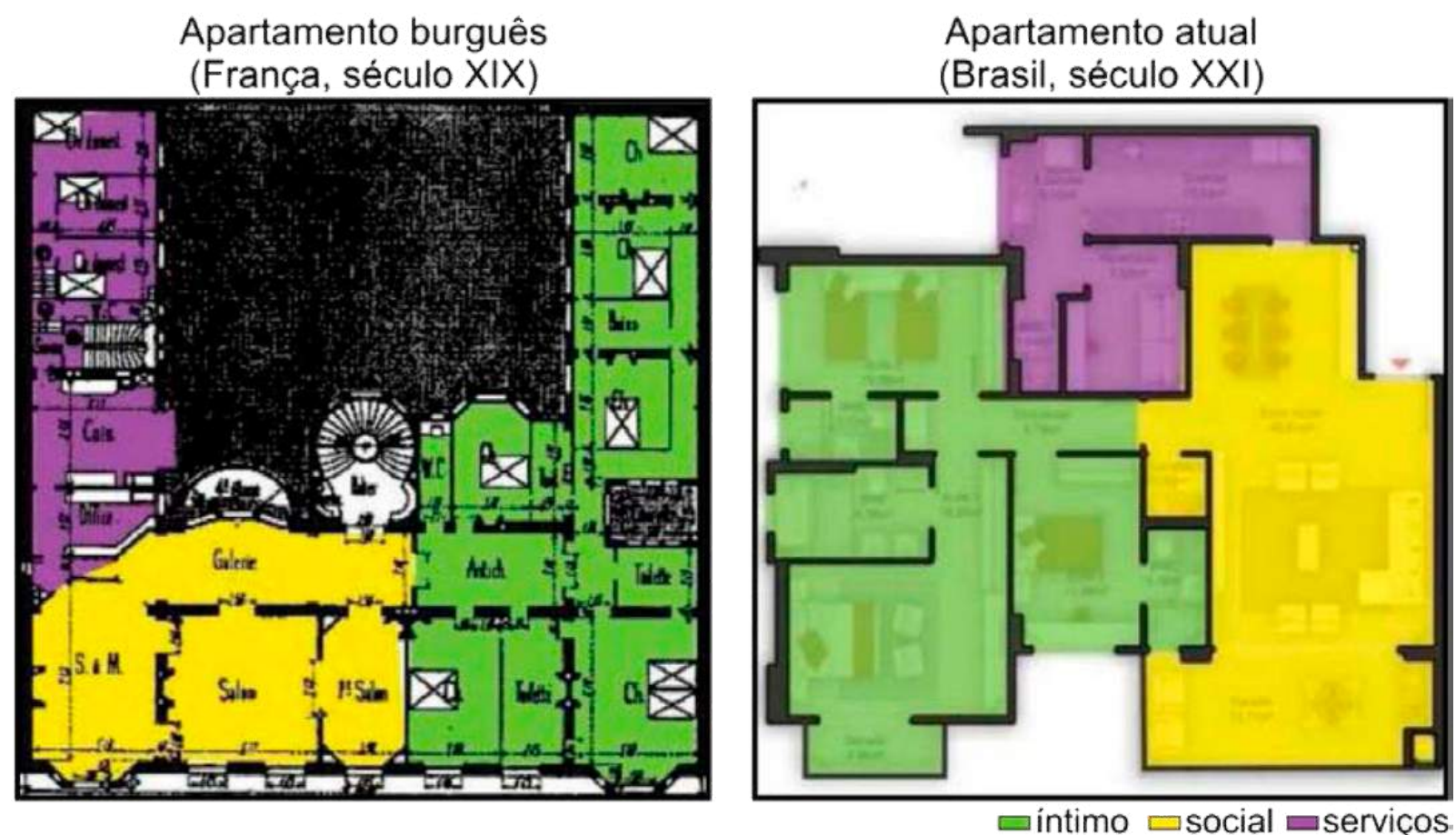
Eu e minha família tivemos que nos mudar com uma certa urgência, e acabei me comprometendo em analisar inúmeros apartamentos em bairros diferentes da cidade. Contudo, não achávamos nenhum local que atendesse algumas necessidades espaciais nossas, ou com o qual nós nos identificássemos.

Assim, ao conversar com outras pessoas sobre o assunto, percebi que era algo recorrente e que muitos relataram que já haviam sentido a necessidade de ter que se adaptar a um determinado espaço. Entretanto, mesmo já tendo tido a experiência de trabalhar com plantas de grandes incorporadoras antes no estágio, foi só nesse momento que, de fato, analisei e identifiquei algumas questões espaciais que me incomodavam. Decidindo estudar e conhecer opiniões relacionadas sobre o assunto, minha primeira leitura foi o “Em casa - uma breve história da vida doméstica”, do Bill Bryson, que em sua narrativa percorre os cômodos e cantos da casa, explicando suas relações com a história do ser humano e como surgiram ou desapareceram para se adequar ao contexto da época.

A partir dessas experiências e de estudos posteriores, optou-se por organizar o atual trabalho em três narrativas que se entrelaçam, em que se estuda sobre as questões subjetivas do habitar, propriamente dito, a história da habitação pós-guerra, que levou a grandes experimentações de habitações coletivas, de onde se evoluiu a habitação multifamiliar, e sobre algumas mudanças pelas quais a sociedade passou, se diferenciando muito hoje, de por exemplo, cinquenta anos atrás.

Com isso, buscou-se um terreno que tornasse possível algumas diretrizes desejadas de projeto, como espaços menos restritivos e mais adaptáveis, maior apelo para grupos sociais diversos e para uma vida comunitária e dinâmica.

TEMA



Amostra de plantas comuns em seus respectivos contextos, para efeitos comparativos da influência burguesa parisiense na tipologia das plantas brasileiras. É possível notar a semelhança relativa à separação e disposição dos cômodos, sendo ambos regidos pelo modelo tripartido (zona íntima, social e de serviços.) Além disso, possuem divisão da planta em cômodos, vinculação de atividades a cômodos específicos, hierarquia entre espaços, articulação por meio de corredores e dispositivos de circulação e hierarquização dessas circulações, separando moradores e empregados.

O tema trata sobre as novas formas de habitação adaptáveis contemporâneas, estudando a questão atual da experimentação programática e morfológica das ocupações dos espaços internos, especificamente na zona sul do Rio de Janeiro, local de estudo em questão.

Entende-se que é necessário ser feita uma revisão sobre os sistemas de habitação e ocupação dos espaços nas cidades, já que a sociedade contemporânea se comporta de maneiras diferentes desde a formulação dos arquétipo da arquitetura atual, sendo esse baseado na habitação burguesa parisiense do século XIX.

Assim, busca-se analisar novos recortes de variações espaciais e formas de construção em edifícios mistos. Dessa maneira, objetiva-se projetar experimentações modulares como forma de adequarem-se melhor aos sistemas financeiros e de economia colaborativa e inteligente vigente, e que respondam positivamente ao desenvolvimento dos centros urbanos.

JUSTIFICATIVA PROJETUAL

Dividida em três análises

1. A ESSÊNCIA DO HABITAR

*2. A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO NOS PÓS-
GUERRAS*

3. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A ESSÊNCIA DO HABITAR

Muito se fala sobre a crise habitacional, e sobre a sua urgência em ser resolvida, porém pouco se pensa sobre a crise do habitar, propriamente dito. Acompanhando a sociedade por décadas, tal crise na lógica construtiva mercadológica consiste na falta de identificação e pertencimento com os espaços construídos na cidade, que foram feitos por um sistema econômico sem pensar na essência da habitação, e é uma reflexão que precisa ser re-inserida com urgência no mercado imobiliário, para o maior bem estar da população.

Quando o construir e o pensamento sobre a essência do habitar sobre o espaço se isolam um do outro, não interagem, surge a falta de pertencimento com o lugar. É cada vez mais comum observar construções e ruas sem vida, sem relação com a cidade e seus moradores, que não se identificam com os espaços genéricos e padronizados criado pelo atual mercado imobiliário. Ainda assim, o público acaba se adaptando ao que o mercado oferece.

É comum ver plantas imobiliárias com uma certa padronização entre si: circulação mínima e dependência de serviços, que acabam se tornando espaços mortos, e o restante dos cômodos com tamanhos relativamente equilibrados entre si. Não se sabe, porém, se os usuários prefeririam, por exemplo, salas maiores que seu quarto, ambiente de trabalho ao invés de um lavabo, ou quem sabe um ambiente de leitura no lugar de uma varanda, e por aí vai. Além disso, vê-se cada vez mais prédios se isolando da cidade, com academias privativas, brinquedotecas e áreas de lazer fechadas, evitando ao máximo a conexão dos moradores com o mundo lá fora.



Amostra de um lançamento imobiliário típico, no bairro de Botafogo (Volp40). Nele é possível ver a rede de infra-estrutura privativa de espaços compartilhados e a planta de um apartamento de 3 quartos, com uma solução de planta comum no mercado.

Notas:

- Planta ilustrativa com sugestão de decoração e posição de aparelhos de ar condicionado.
- Mobiliários, armários, equipamentos, utensílios e vegetação são meramente ilustrativos e não são parte integrante do contrato.
- Os revestimentos internos das unidades serão executados conforme memorial descritivo.
- A área total indicada é privativa e as cotas foram definidas pelos limites externos das paredes (fachadas e áreas comuns) e pelo eixo das paredes entre unidades, conforme descrito na NBR 12.721 ABNT. As áreas e cotas poderão sofrer alteração de 5%.
- Essa planta poderá sofrer alteração em dimensões, pilares e shafts, decorrentes em posturas municipais, concessionárias e no decorrer da obra.
- As plantas individuais de cada unidade serão disponibilizadas junto ao contrato de compra e venda do imóvel.
- As unidades serão dotadas de infraestrutura (ponto de força, rede frigorígena, sanças e dreno) para aparelhos de ar condicionado do tipo Split, com unidades evaporadoras / condensadoras a serem instaladas conforme projeto específico. A compra e instalação dos equipamentos será por conta dos clientes.
- A instalação das máquinas de ar condicionado na fachada deverá respeitar as diretrizes que constam no manual do proprietário.
- Material sujeito a alteração sem aviso prévio.

Escala Gráfica

COLUNA 02

ED. MIND
2º AO 10º PAVIMENTO

ED. SOUL
3º AO 8º PAVIMENTO

Área Privativa - 113,34m²

Rua Voluntários da Pátria

A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO NOS PÓS-GUERRAS

A Revolução Industrial e o processo de urbanização criaram novos contornos para a questão habitacional. O êxodo rural, os baixos salários e a lógica de mercado imobiliário trouxeram uma grande precariedade nas condições de vida nas cidades. Assim, a partir do século XIX, começam a aparecer as primeiras intervenções na reforma da habitação, sendo as primeiras respostas os bairros populares e as vilas ou cidades operárias, com repetição do padrão mínimo de moradia.

Após a Primeira Guerra Mundial, alguns países foram palco de experiências de programas habitacionais de interesse social em larga escala, durante a chamada “economia de guerra”. Essas políticas públicas no setor da habitação se popularizaram pela Europa por volta da virada do século XIX para o XX.



Conjunto habitacional pós-guerra, Park Hill, Sheffield

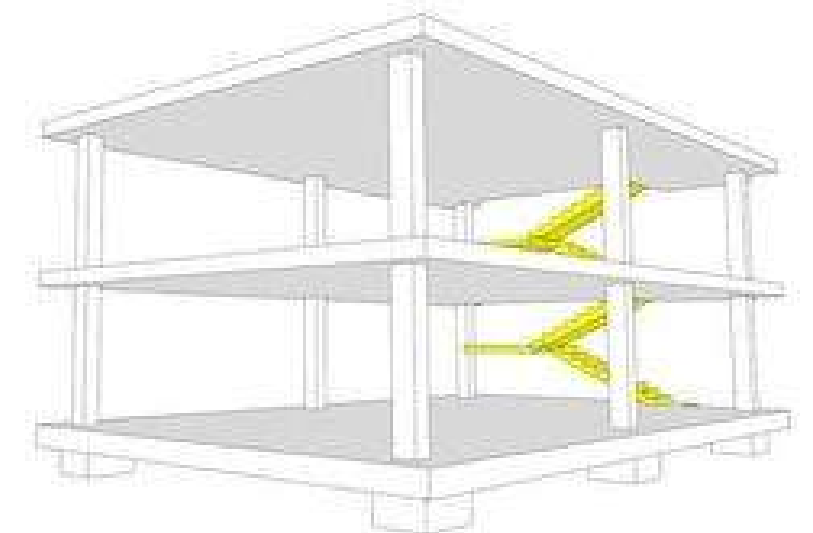
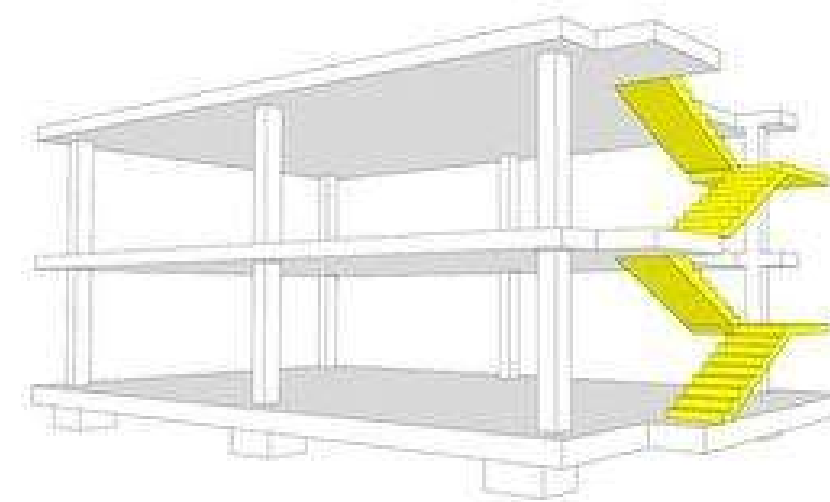
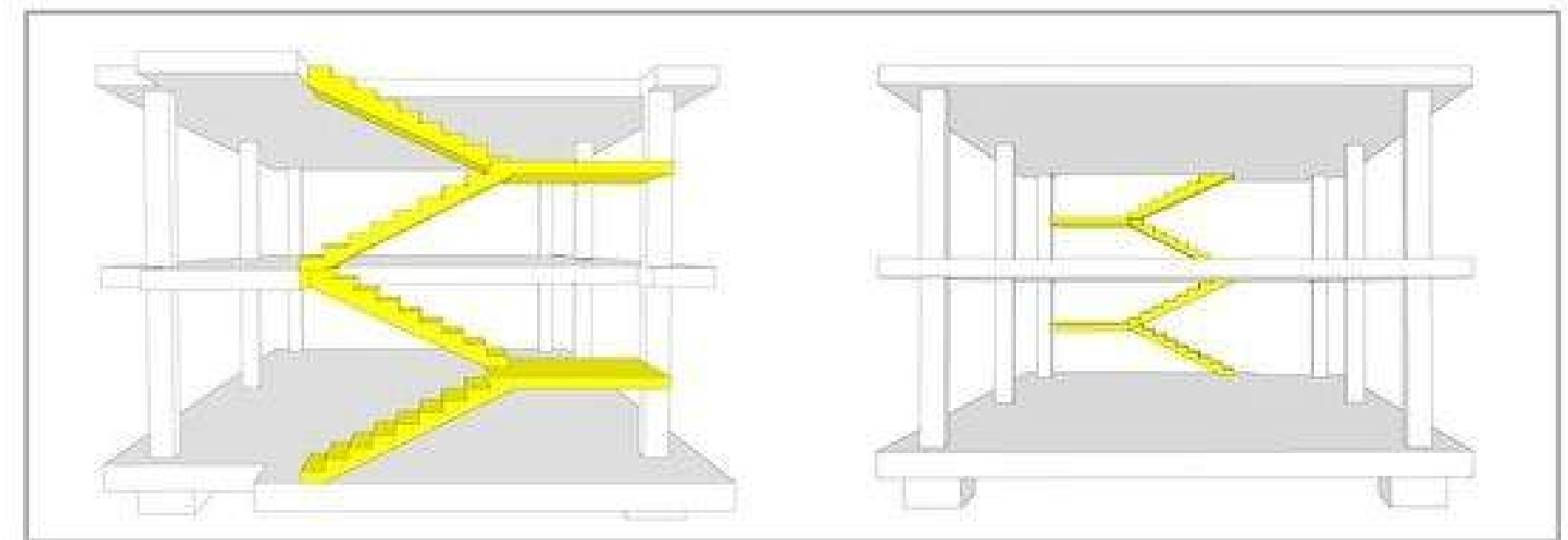
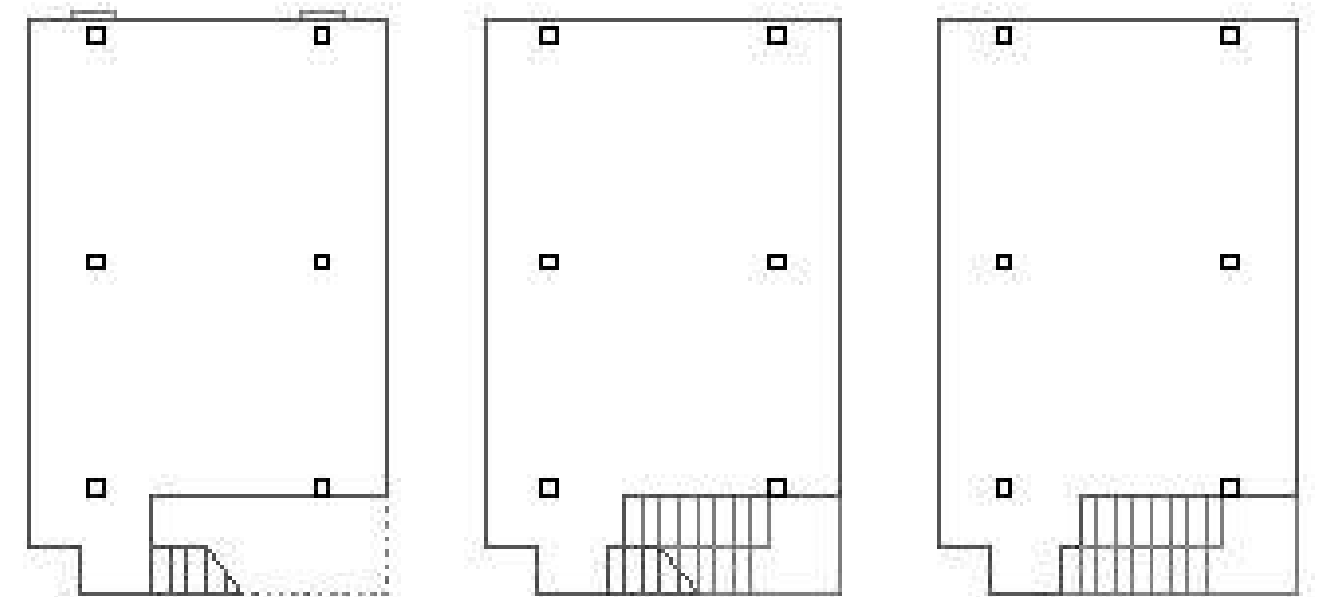
Já no Rio de Janeiro, a limitada disponibilidade de moradias e a crescente valorização do lote urbano levaram a popularização das habitações coletivas, que passou a ser reproduzido por toda a cidade após as novas técnicas, materiais de construção e a crescente valorização dos lotes urbanos.

No entanto, do ponto arquitetônico e urbanístico, a produção de moradias no entreguerras foram pouca imaginativas, padronizadas, sem pensar muito no bem estar do indivíduo. Além disso, muitas vezes eram aliadas a ideia de desadensamento urbano, afastando as classes mais baixas dos centros da cidade (ocasionando, por exemplo, as cidades-satélites). Essas questões passam a ser criticadas por diversos arquitetos ao longo dos anos, sendo três citados aqui.



Conjunto habitacional pós-guerra,
Hulme Crescents, Manchester

Em 1915, Le Corbusier propôs a Casa Dominó, propõe alguns elementos standardizados, como pisos, colunas, escadas e esquadrias. Sua ideia era de que a partir dessa base, seria possível criar variadas configurações espaciais com o uso de divisórias leves e portas e armários embutidos produzidos em série, sendo esses os definidores da modulação da casa, sem ter mais a parede como suporte.



Planta e esquema estrutural da Casa Dominó

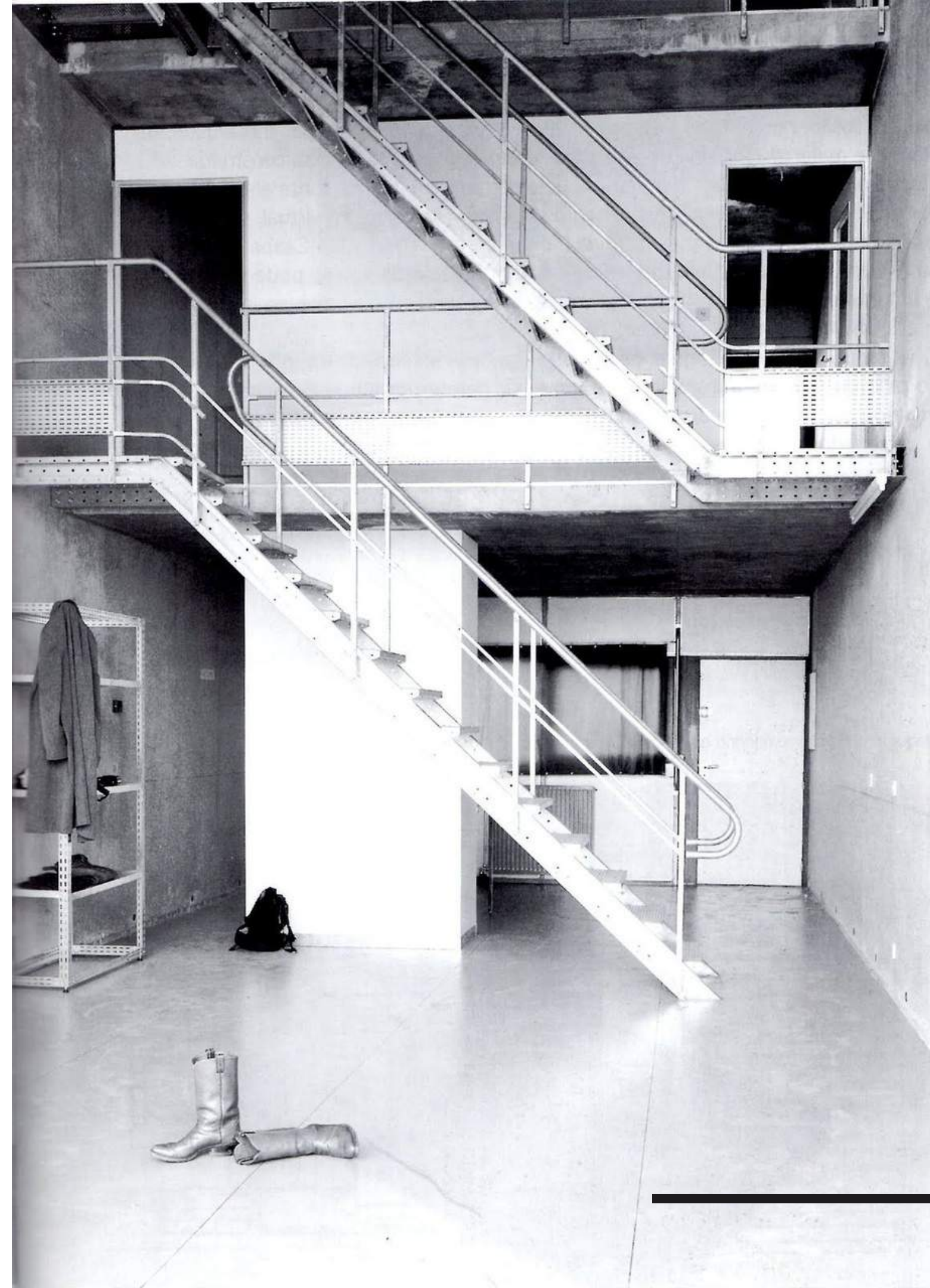
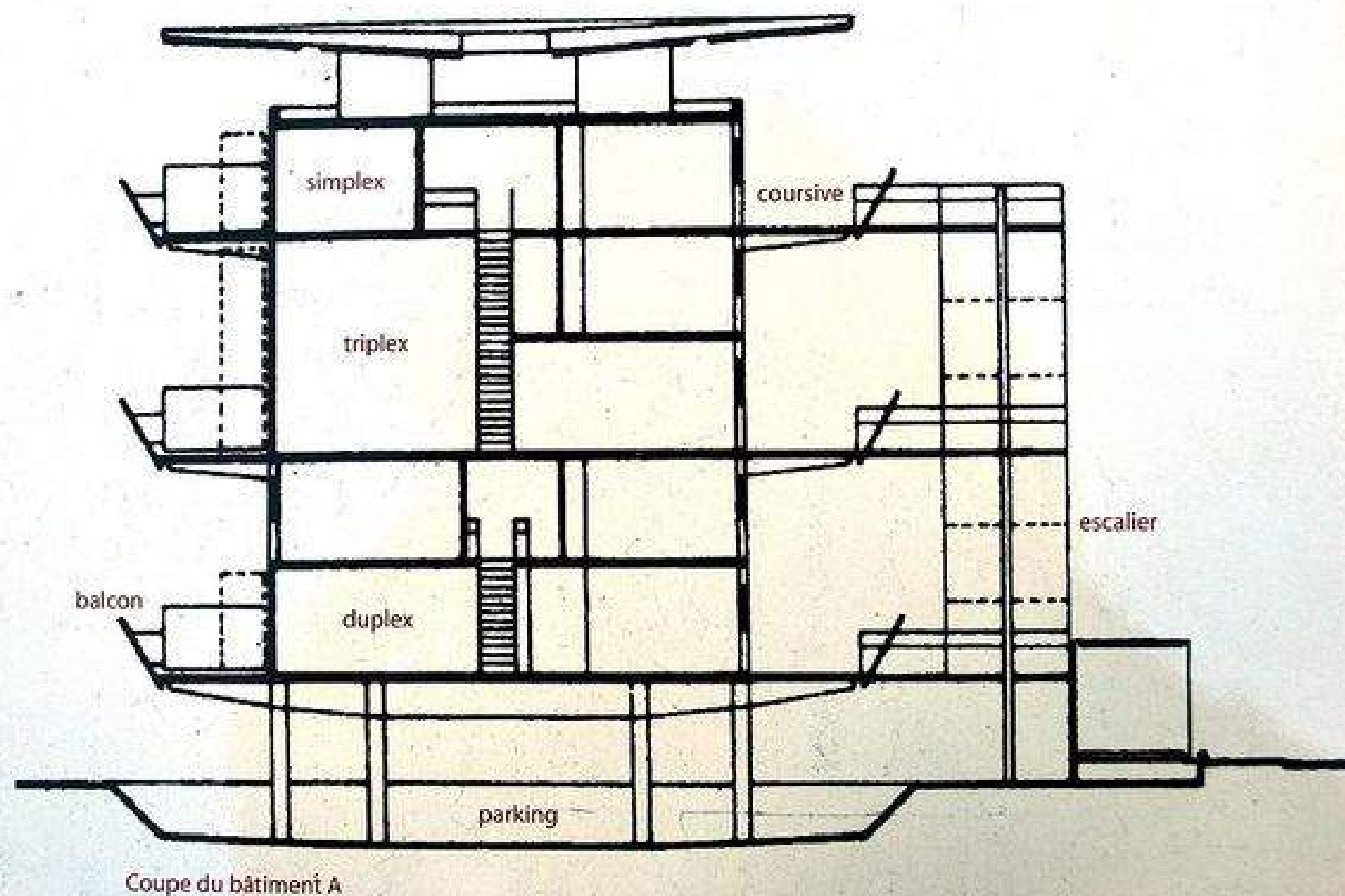
Já no Brasil, um dos arquitetos que se destacou por suas propostas experimentalistas foi Sergio Bernardes. Defensor de uma essência ideológica mais humanista, Bernardes via a necessidade de renovação da arquitetura em face às transformações da sociedade, refletindo profundamente sobre o processo projetual. Sempre atento ao Homem, à natureza e a cada indivíduo que habita os espaços, ele buscou traços mais pessoais e afetivos ao longo de sua carreira, e um de seus projetos expõe esse olhar, a Casa Alta (Botafogo, Rio de Janeiro, 1963). Essa obra se destacou por ser a primeira no Brasil a oferecer a planta livre, partindo do princípio do loteamento vertical. Bernardes a pensou de forma a permitir aos moradores a liberdade de decidir a divisão interna do apartamento, além de fechar sua unidade com uma das soluções permitidas, como: vidro; painel cego; nicho para ar condicionado; venezianas fixas; venezianas móveis e basculantes. Isso não só permitiria a criação de espaços com que seus moradores se identificariam mais, como também criaria uma programação visual dinâmica no edifício, dentro de um padrão rítmico já pensado com as possíveis opções disponíveis. A Casa Alta demonstrou, assim, o respeito do arquiteto com a liberdade humana de compor o espaço escolhido conforme sua identidade, e transformações pessoais.

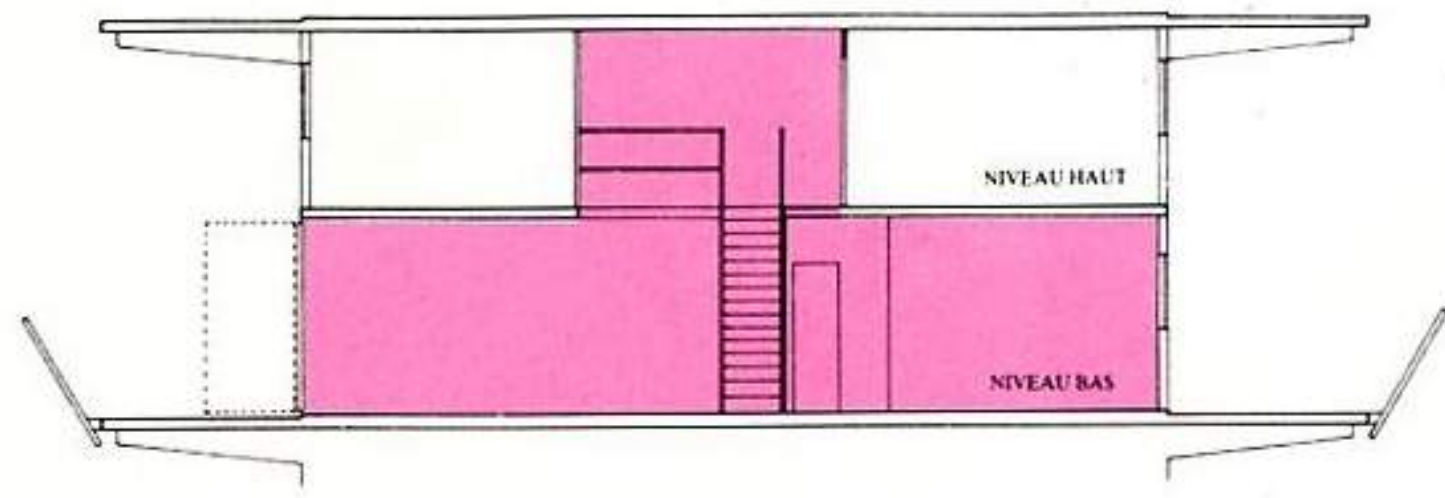
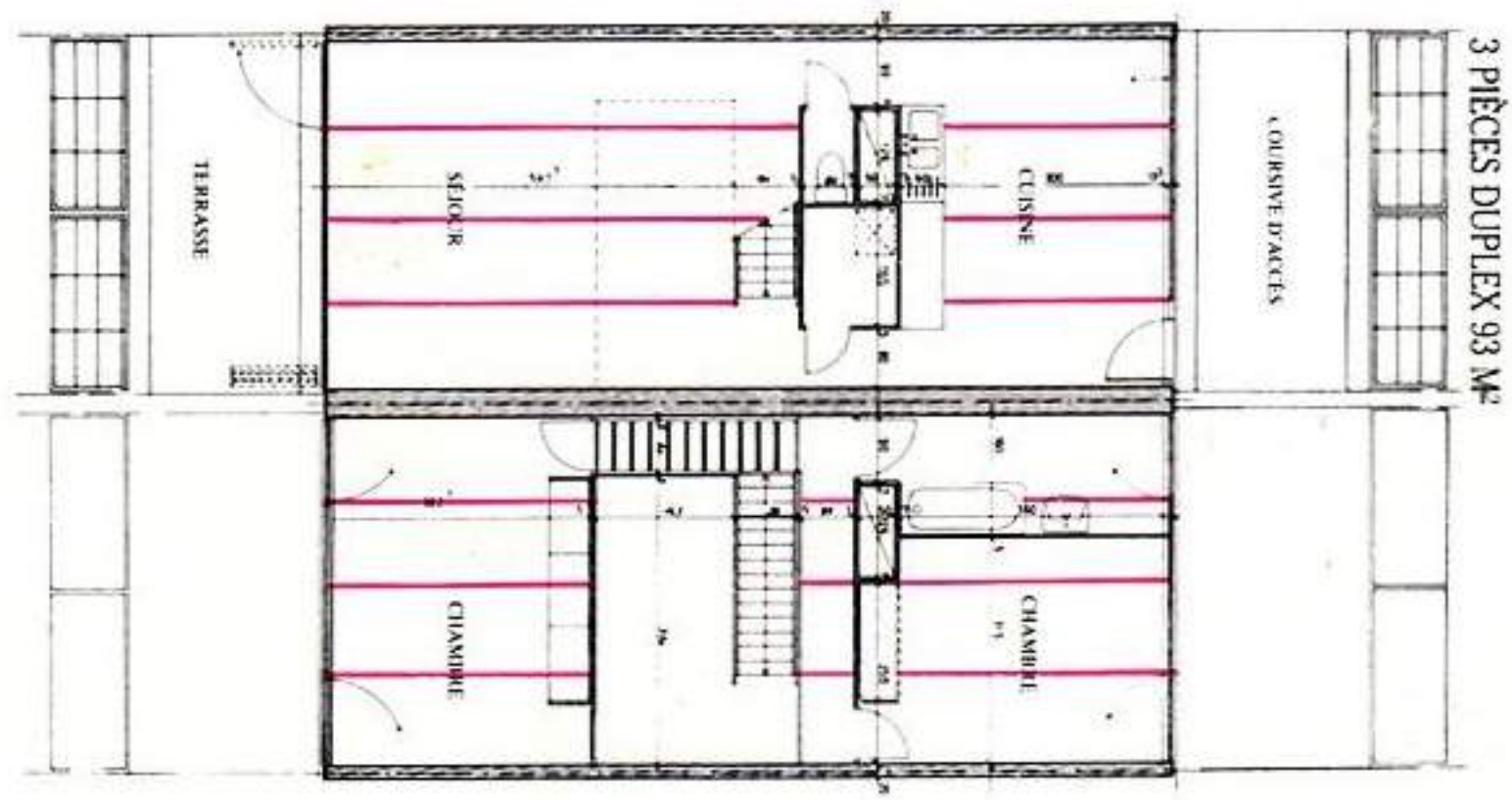


CONDOMÍNIO CASA ALTA

Por fim, outro projeto relevante pelo seu aspecto tipológico é o Nemausus, de Jean Nouvel, construído em Nimes (1985-1988). Para Nouvel os princípios básicos da habitação foram esquecidos e mal aplicados, com diversos apartamentos tristemente idênticos, sem identidade.

Defendia a definição de um “bom apartamento como sendo simplesmente um apartamento tão grande quanto possível, flexível, mutável e barato. Em seu projeto, todos esses aspectos são buscados.





A obra tem seus espaços comuns (como escadas e corredores) reduzidos na tentativa de alcançar seu tamanho máximo possível, e divisão de dezessete módulos diferentes para layouts de apartamentos para criar flexibilidade (estúdio de um quarto, dois níveis, três níveis, etc). Foram projetadas também varandas com portas sanfonadas para que elas possam ser integradas totalmente à área de estar principal. Com relação ao baixo custo, usou-se elementos industriais pré-fabricados interna e externamente.

É importante resgatar as experiências passadas para perceber como a questão habitacional e da ocupação do solo da cidade são perenes, e norteiam até hoje os debates arquitetônicos e urbanísticos. Deve-se atentar, no entanto, que na maioria das vezes, essas questões eram atreladas a perspectivas mais amplas, como a questões financeiras dos países, a gestão do solo e especulações e as políticas vigentes no momento. É necessário ainda ter em mente a existência de diversos outros projetos que seguem as mesmas ideias apresentadas, sendo esses somente breves análises históricas de questões habitacionais cada vez mais relevantes.

1914-1918
Primeira Guerra Mundial

1939-1945
Segunda Guerra Mundial

1985-1988:
Nemausus

1915:
Casa Dominó

1963:
Casa Alta

Até 2020
Diversos outros projetos

A SOCIEDADE CONTEMPORANEA

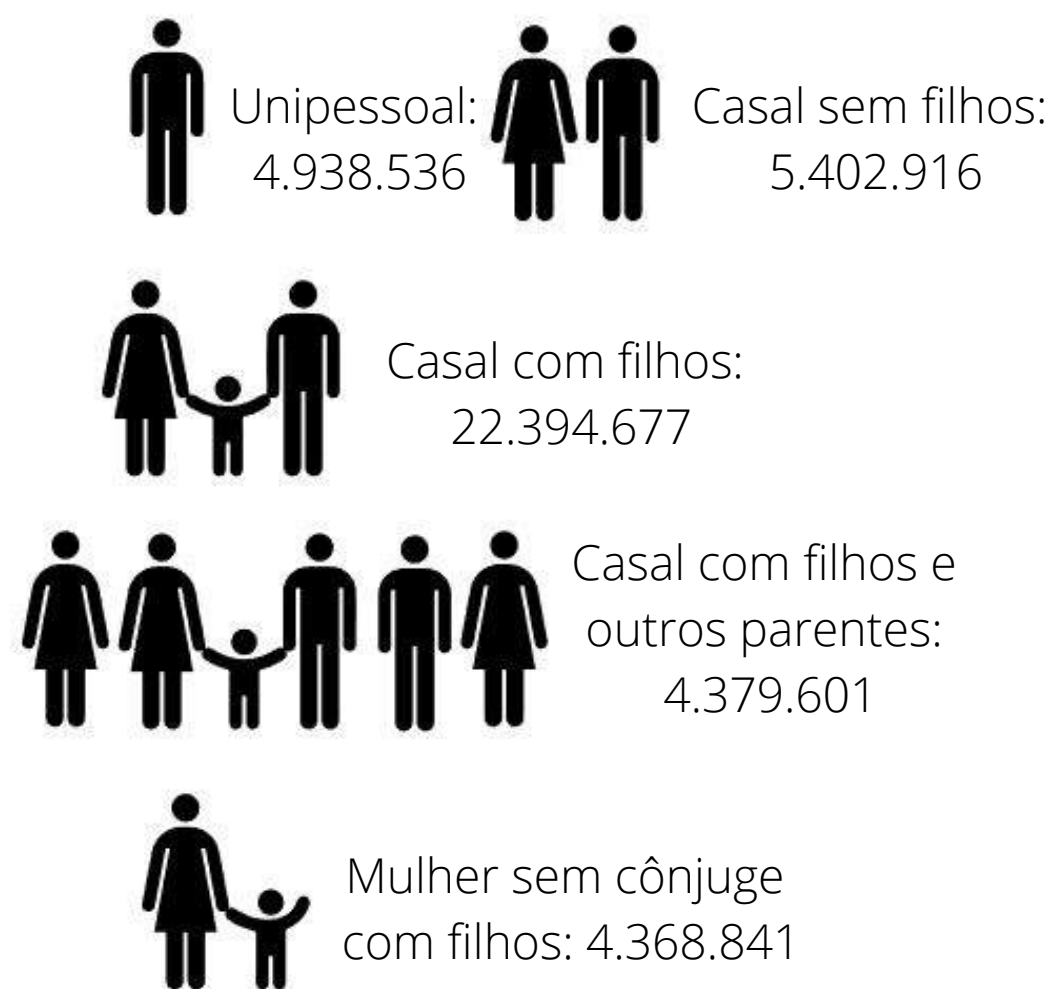
Vivemos hoje em um mundo varrido pelo 'novo individualismo', que se evidencia principalmente nas indústrias de mídia e comunicação, mas alcança também o núcleo da cultura e da vida institucional. A teoria do novo individualismo é baseada em quatro fatores: uma ênfase em autorreinvenção; constantes mudanças instantâneas; um fascínio por aceleração social, velocidade e dinamismo; e uma preocupação com o curto prazo e a episodicidade ."

As novas gerações se diferem muito das anteriores com relação a tempo, espaço e consumo. Não só são extremamente conectados, como também possuem hábitos de consumo e profissionais quase que opostos aos das famílias até a Era Vargas. Junto com essas transformações sociais, nota-se a crescente necessidade de um local de trabalho dentro do espaço da habitação (com um crescimento cada vez maior do "home office") e equipamentos públicos para o encontro com o outro a lazer.



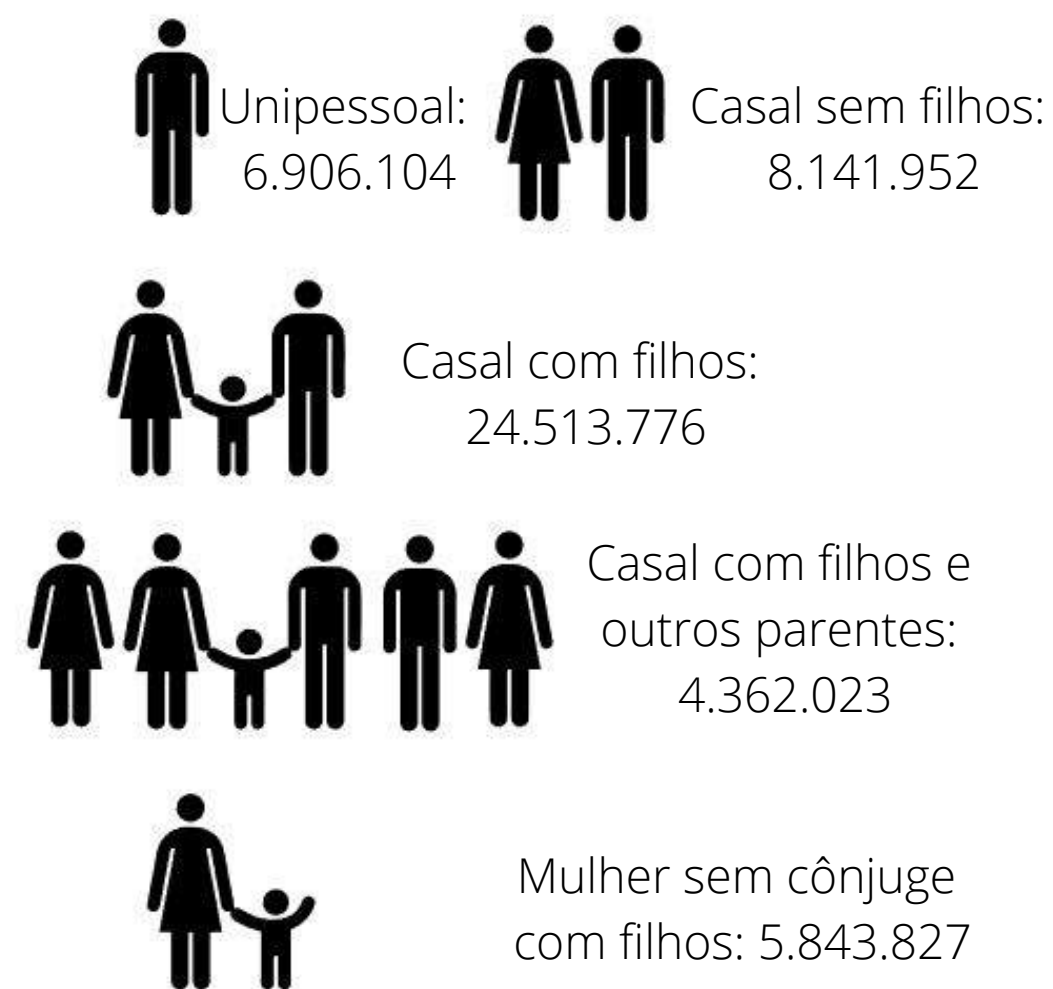
Deve-se atentar também, para o fato de que, por inúmeros motivos, surgem novos grupos domésticos com comportamentos diversificados, como: famílias monoparentais, casais DINKs - Double Income No Kids -, uniões livres - incluindo casais homossexuais -, grupos coabitando sem laços conjugais ou de parentesco entre seus membros, além de uma família nuclear renovada (pais com menos autoridade, e cada membro com mais autonomia). Conjuntamente, cresce cada vez mais o número de pessoas vivendo sós. Além disso, existe um movimento em curso: o de pessoas solteiras, jovens profissionais e estudantes preferindo permanecer nos centros urbanos, ficando perto da vida noturna e do lazer urbano, mesmo que em áreas cada vez menores e mais caras, para não se submeterem a longos deslocamentos diários.

2002 (valores do IBGE em unidades)



Outros: 7.050.067

2008 (valores do IBGE em unidades)



Outros: 8.048.922

Todos esses paradigmas citados precisam se estender além do núcleo do si mesmo e da sociedade, estendendo-se para a habitação dos espaços. A forma como a sociedade habita atualmente, é originada do modelo de habitação proposta há décadas atrás por arquitetos europeus, mais destinados à família nuclear burguesa oitocentista. A arquitetura deve acompanhar o redesign, revendo suas configurações organizacionais, de forma a tornar os espaços confortáveis mediante as mudanças socioeconômicas globais.

Mesmo que todas essas mudanças sejam vastamente reconhecidas, pouco se é visto no mercado formal da construção, novas propostas arquitetônicas ou até mesmo questionamentos sobre os espaços de habitar.

Apesar dessa urgência, compreende-se que nenhuma proposta arquetípica única de arquitetura poderia englobar as necessidades de todos esses novos núcleos sociais, pois a cada combinação familiar diferente, existem modos de vida diversificados. Logo, para a melhor compreensão e para melhores projetos, é necessário um vasta investigação contínua sobre as novas formas de habitar.

2 QUARTOS
77,99 M²

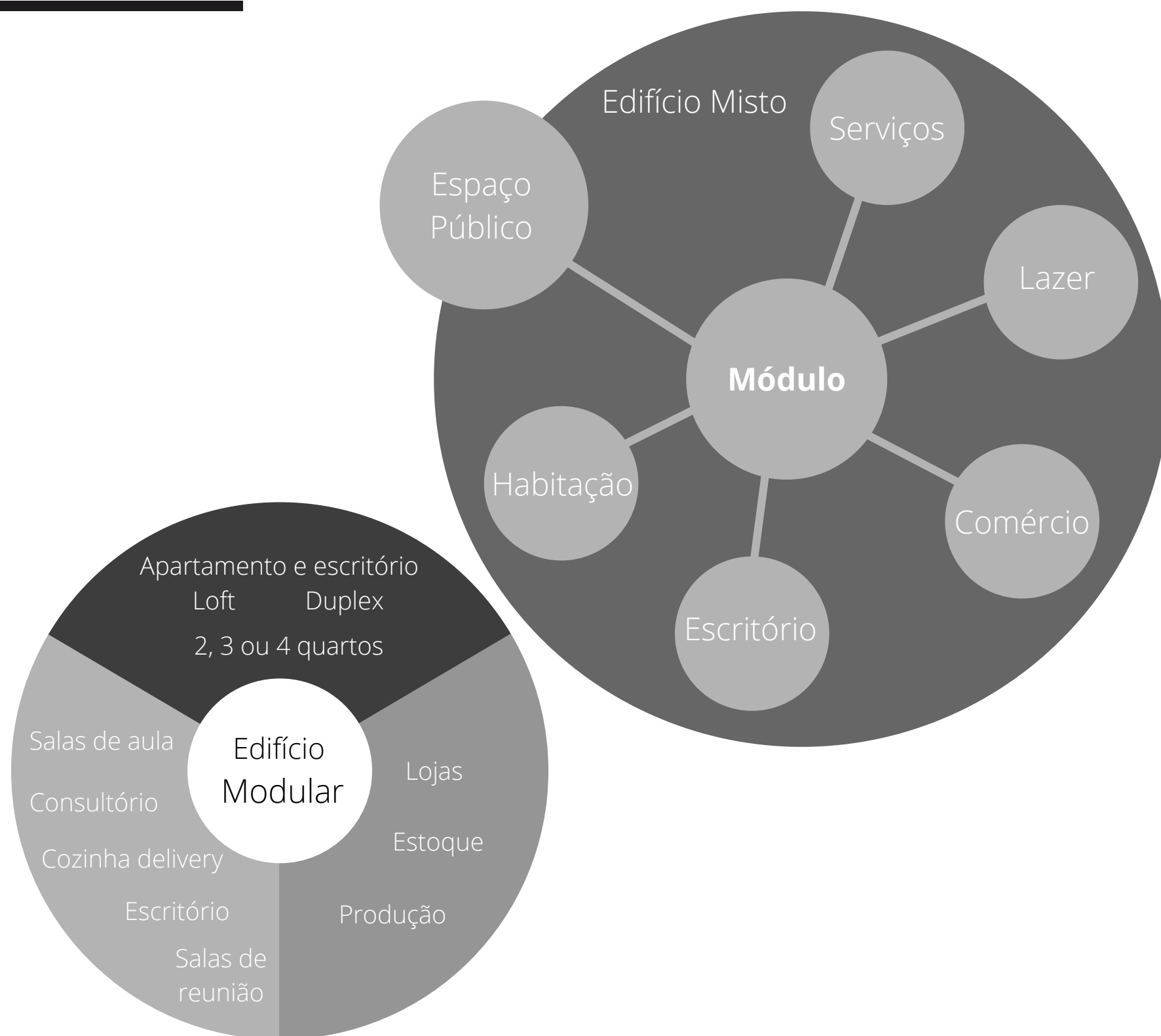


TERRAZZA 2 QUARTOS
106,36 M²



Planta do lançamento imobiliário Meet Botafogo, no Rio de Janeiro. Nela é possível ver algumas alternativas ao uso do espaço proposto, permitindo uma maior adaptabilidade ao futuro usuário. Esse é, no entanto, somente um de dezenas de outros lançamentos, sendo algo muito pouco visto ainda no mercado, e de forma ainda tímida. Os novos empreendimentos, em geral, voltam-se mais para o sistema da Barra da Tijuca, com áreas de lazer privadas de alto nível.

A PROPOSTA

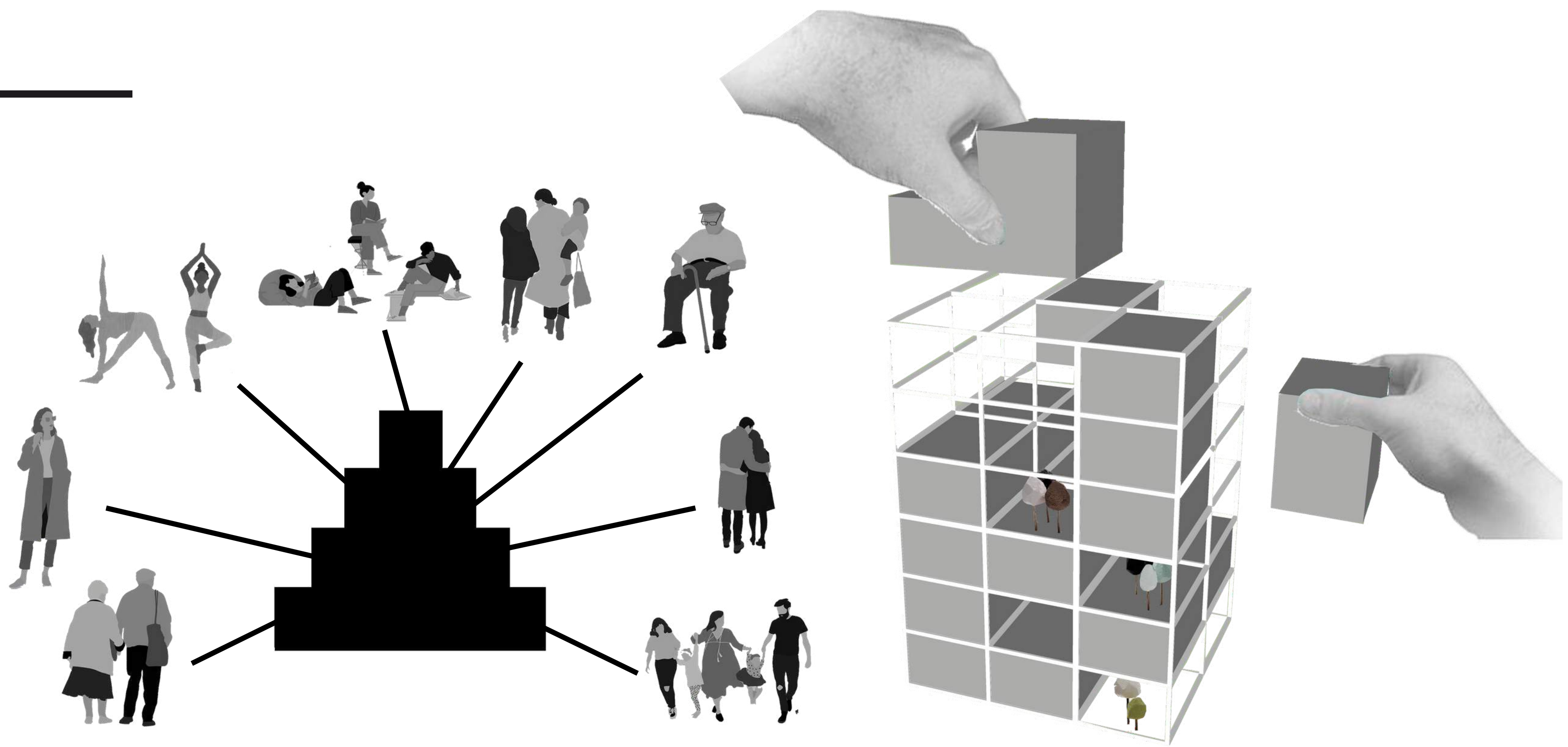


É proposto um modelo misto de ocupação, que explora o sistema modular como forma de adaptabilidade a sociedade contemporânea.

O objetivo é criar um edifício ajustável ao crescimento da população e as mudanças do estilo de vida da sociedade, oferecendo modelos alternativos aos tradicionais na cidade do Rio de Janeiro.

Com diferentes atividades no terreno, busca-se criar um organismo vivo e aberto, que abrigue e atraia diversos núcleos sociais, além de tentar reduzir os deslocamentos urbanos ao reunir habitação, trabalho, lazer e serviços.

Os módulos também seriam base para trabalhar espaços públicos ou público-privado, tanto interno, ou externo ao edifício em si (mas ainda conectando-se ao todo).



A partir de um mesmo módulo, de 5x5 m, explora-se espaços que acolham as novas diversidades dos grupos sociais e atividades da nova era, de forma permeável, mas ainda sim, privativa.

REFERENCIAS PROJETUAIS



LA'S DISTRICT / HERZOG E DE MEURON -
LOS ANGELES

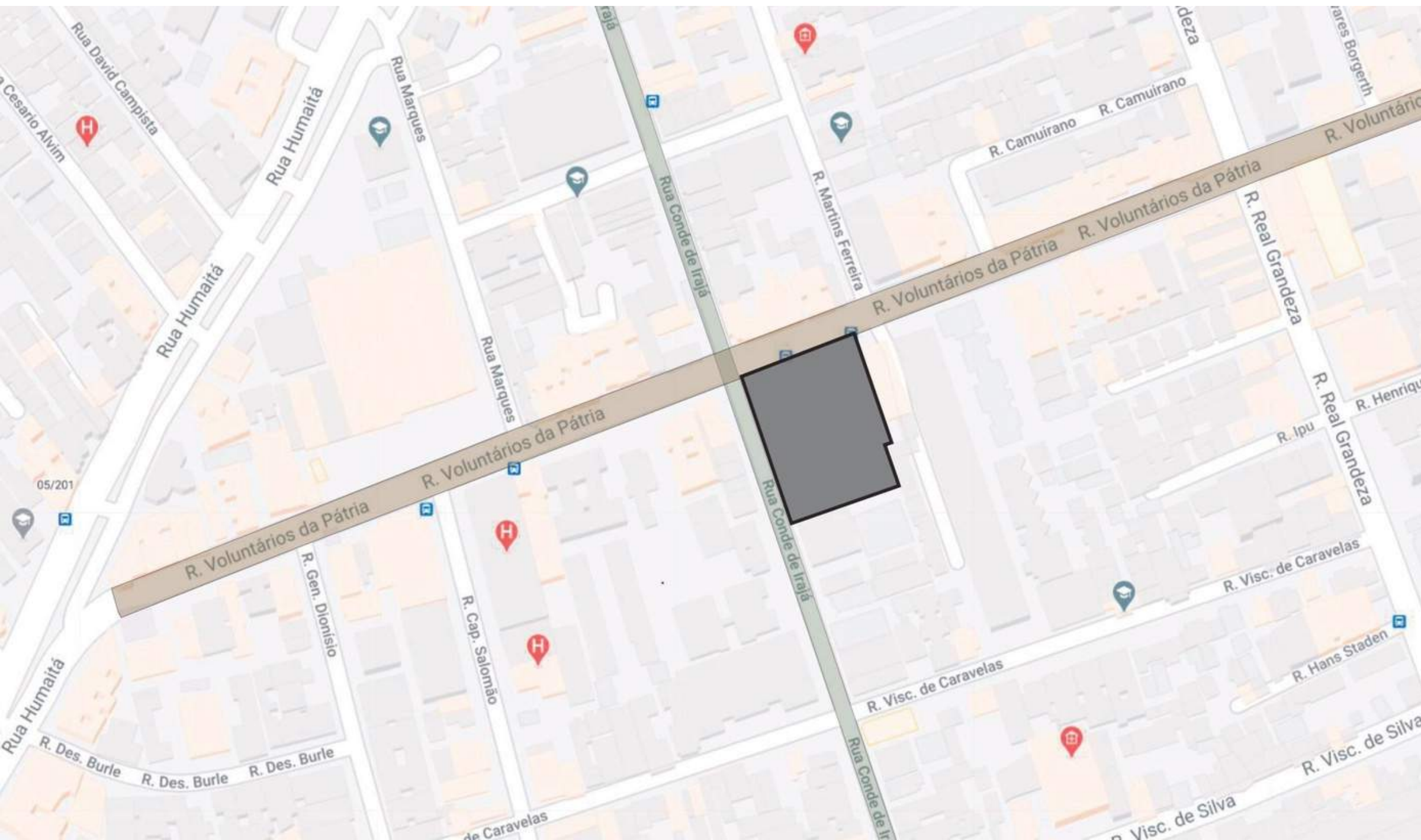


REFERENCIAS PROJETUAIS

*REBEL / STUDIONINEDOTS
- AMSTERDAM*



O RECORTE ESPACIAL



A escolha do terreno para a proposta projetual, localizado na Rua Voluntários da Pátria, número 397, em Botafogo (Rio de Janeiro), partiu primeiramente da densidade e complexidade do bairro.

Botafogo foi uma das primeiras regiões da cidade a ser ocupada, possuindo diversidade residencial e arquitetônica muito grande. Já tendo passado por alguns altos e baixos em sua ocupação, atualmente a área vem se valorizando rapidamente e se consolidando como um polo gastronômico e cultural da cidade, ainda ofertando tipos residenciais diversos (desde grandes apartamentos a quitinetes) e muita vida noturna.



Botafogo,
cerca de
1890

Botafogo,
cerca de
1906



Botafogo,
atualmente





Apesar disso, não se encontram muitos espaços livres públicos, agradáveis de se permanecer ou apropriar. Os principais pontos nos arredores que permitiriam essa apropriação são o Largo dos Leões, a Casa Firjan, Fundação Rui Barbosa e a enseada de Botafogo, sendo os últimos três a uma distância considerável de caminhada do terreno.



Pontos gerais do bairro e terreno

O terreno é atualmente um estacionamento, e possui dois pontos de ônibus na entrada pela Rua Voluntários da Pátria



Lateral do terreno, na Rua Conde de Irajá



Esquina do terreno, no cruzamento da Rua Voluntários da Pátria com a Rua Conde de Irajá



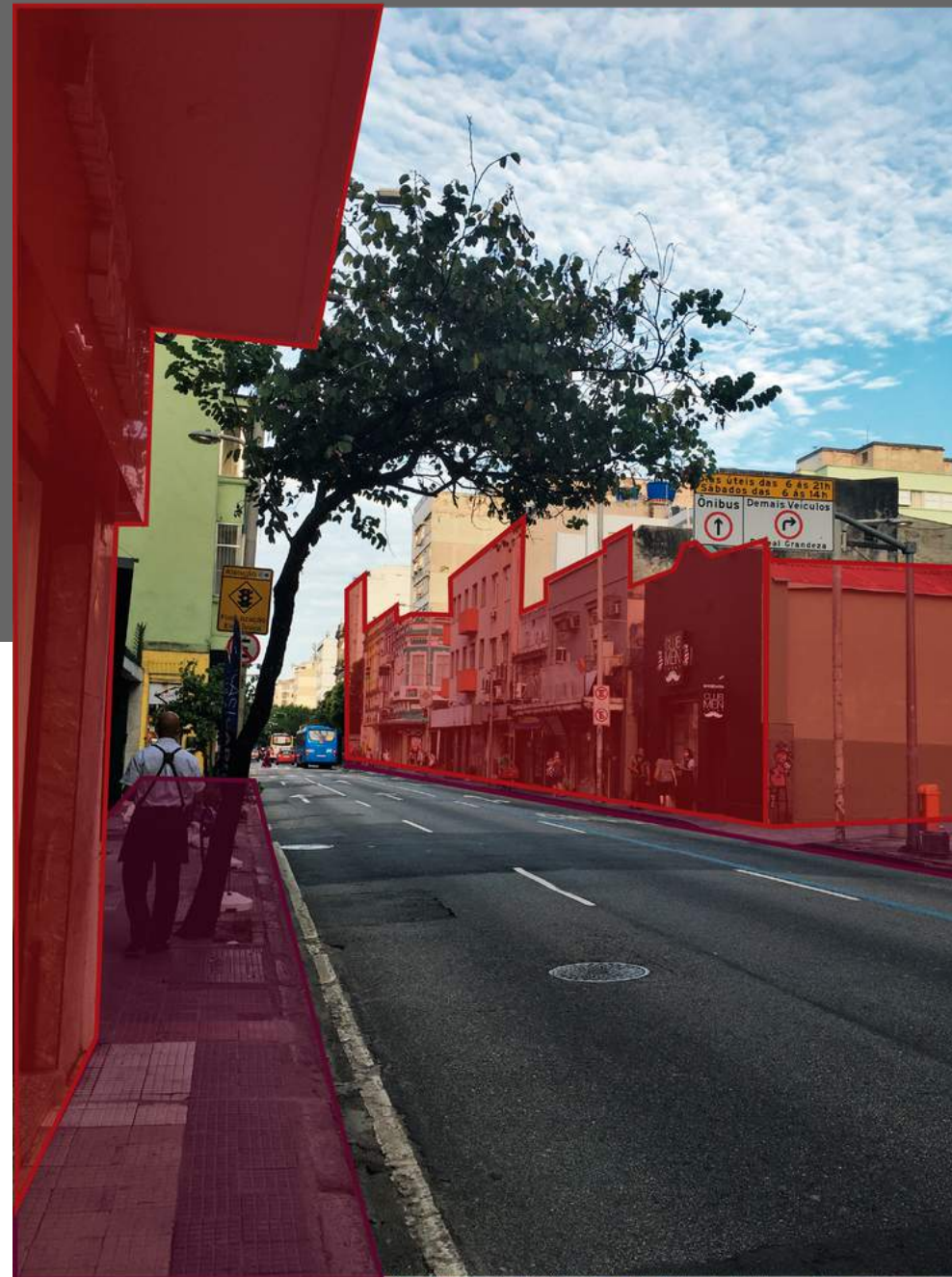
Frente do terreno, na Rua Voluntários da Pátria

Outra questão de Botafogo é sua contrariedade. Mesmo sendo um bairro heterogêneo (pela população que a habita, os edifícios que a compõe, os serviços ofertados), permanece possuindo um modelo de legislação e de morfologia muito tradicional. Apesar de ser majoritariamente residencial, é também considerado um bairro de passagem na zona sul da cidade, um ponte entre os bairros ao seu redor, possuindo uma importante estação de metrô e inúmeras linhas de ônibus cruzando a região.

Entorno e diferentes camadas do bairro



Ao investigar tais questões fundamentais do bairro, escolheu-se estrategicamente o terreno acreditando na possibilidade de se explorar seus pontos positivos, como público diverso, facilidade de acesso, economia local diversa e ativa, assim como desenvolver e reestruturar questões ainda desfavoráveis da Rua Voluntários da Pátria, por exemplo, a morfologia ainda muito engessada e saturada, as ruas desconfortáveis, e a falta de espaços livres e de estar aberto ao público, como demonstrado nas fotos abaixo.



Acridita-se que o bairro e o terreno possibilitam a viabilidade de um projeto misto que possa acolher grupos familiares variados, que crie identificação com seus usuários e com a cidade moderna. Com um fluxo constante de pedestres e automóveis, e cercado de usos mistos, esse entorno rico e localização privilegiada potencializa o projeto proposto. O edifício sendo bem sucedido aumentaria a probabilidade do modelo habitacional adaptável e modular se expandir para outras regiões, e se tornar um modelo mais utilizado pelo mercado imobiliário.



Com o intuito de auxiliar ainda mais na percepção das dinâmicas residenciais e mercadológicas do bairro, seleciona-se para efeito de análise, alguns exemplos arquitetônicos de Botafogo, a partir da dissertação de Sonia Braga, "Um estudo tipológico das transformações das edificações multifamiliares no Rio de Janeiro entre 1930 e 2000: o caso do bairro de Botafogo."

O primeiro deles é o **Edifício Barão de Lucena**, na Rua São Clemente, 158. Foi construído em 1937, e desenvolvido pelo arquiteto Paulo Santos. O prédio possui dez pavimentos, com o térreo possuindo também unidades residenciais, sem estacionamento, com seus fundos destinados a uma área de lazer. Em seus andares, os apartamentos são rebatidos em 4, cada um com 99,16 m² de área útil.

Sua planta possui solução típica dos apartamentos do fim do século XX, com circulação mínima e hall de entrada, permitindo maior privacidade à sala e quartos, sendo comum também existir somente um banheiro no espaço. Na pesquisa de Sonia, relata-se que há moradores que optaram pelo fechamento das varandas devido ao barulho, sujeira e ganho de espaço na sala. Alguns também expandiram o banheiro de serviço, na tentativa de torná-lo mais social, e expressaram o desejo de retirar o depósito, aumentando a sala, ou transformá-lo em escritório para atender clientes de profissionais autônomos.



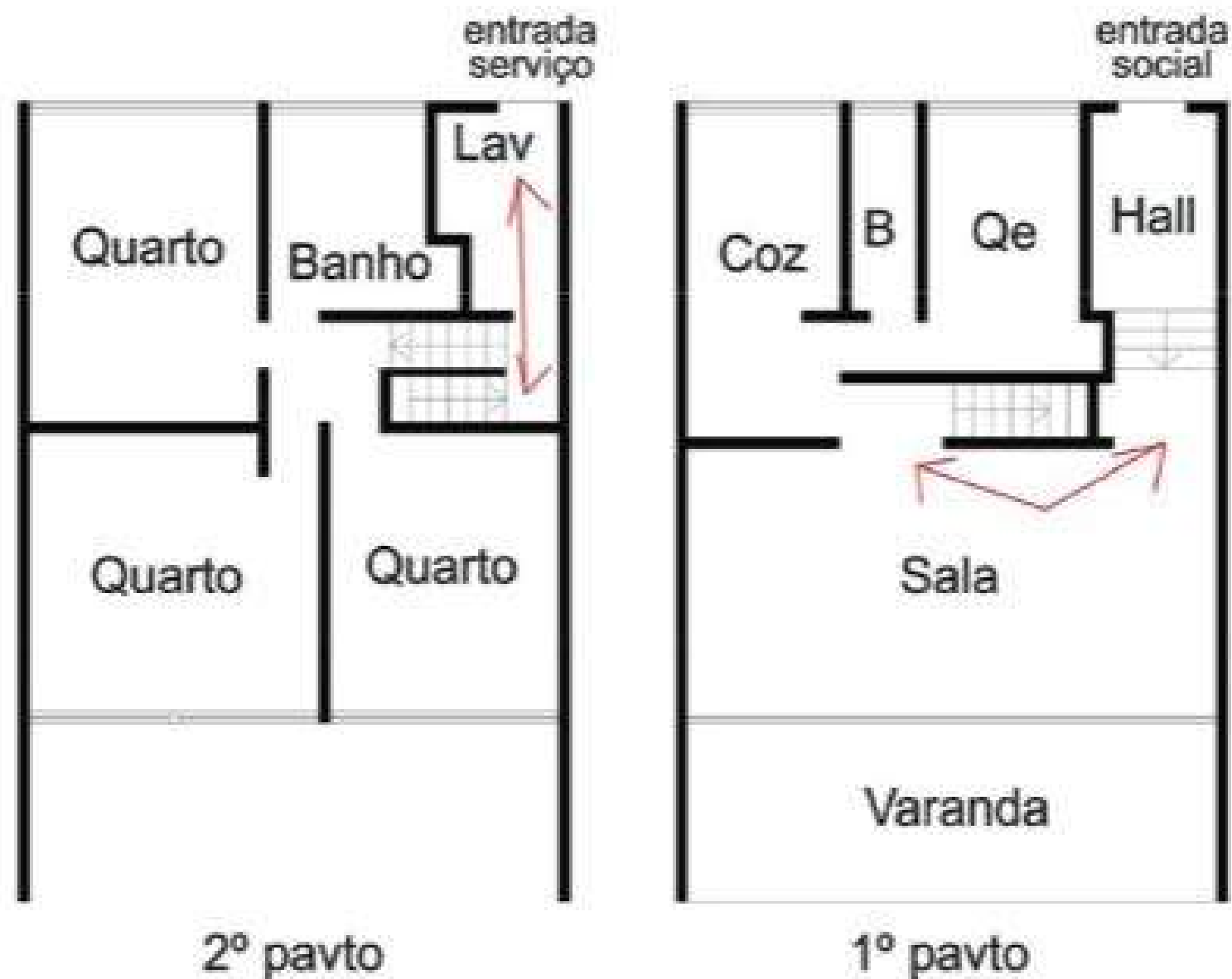
Planta baixa do apartamento tipo



Exemplo de modificação desejada por moradores

O segundo projeto é o **Edifício Júlio de Barros Barreto**, na Rua Fernando Ferrari, 61, desenvolvido pelos irmãos Roberto, considerado um exemplar da arquitetura moderna. O edifício é constituído de dois blocos com apartamentos duplex, com cinco pavimentos duplos em cada um, em que o pilotis é destinado à guarda de veículos. Como se vê nas plantas, é possível acessar o apartamento pelo setor social ou pelo de serviço, com uma lavanderia no piso intermediário.

O projeto permite um conforto ambiental inquestionável, com grande aprovação da varanda com pé direito duplo pelos moradores. No entanto, para uso diário pelos inquilinos, os desníveis internos no primeiro piso causam desconforto na circulação, prejudicando deficientes e idosos. A falta de um banheiro social nele também é outro ponto negativo. O quarto de serviço também é dificilmente revertido para um quarto privado por ser devassado para a circulação externa, e possui ventilação e iluminação insuficiente. Apesar disso, moradores apontam defender o duplex como uma maneira de se dar mais privacidade aos quartos.



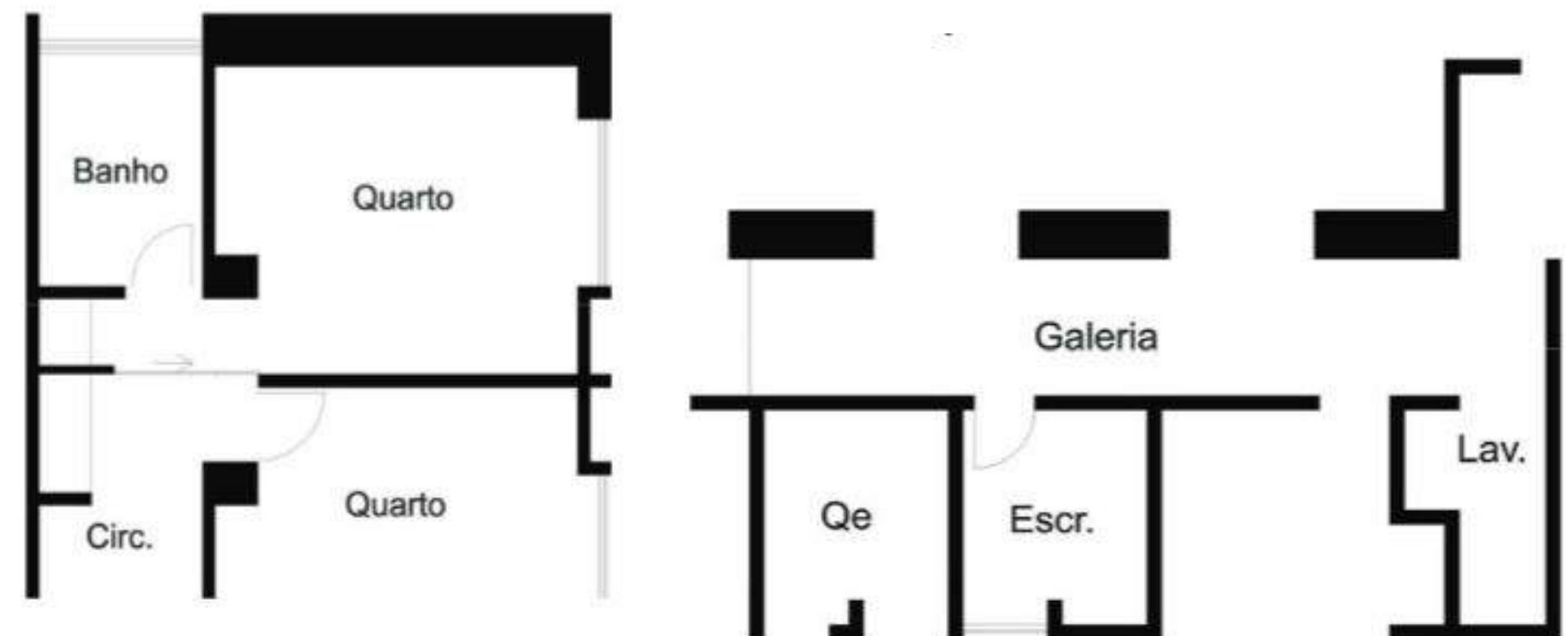
Planta do duplex com indicações das circulações e acessos.

Outro edifício icônico é o **Marechal Deodoro da Fonseca**, na rua Dona Mariana, 53, feito em 1969 pelo arquiteto Arthur Pontual, sendo um dos primeiros a se beneficiar da nova legislação da época, permitindo mais pavimentos em função do maior afastamento das divisas, possuindo 26 pavimentos residenciais. O prédio possui estacionamento no subsolo, área de lazer descoberta, quadra polivalente e dois salões de festa.



Planta baixa do apartamento tipo

Com 190,56 m², o maior a ser aqui analisado, possui espaços amplos para classe alta e previsão de armários em seus quartos. Apesar dos espaços funcionais, percebe-se um grande engessamento na planta,, sendo importante também ressaltar o uso de paredes-pilares em pontos específicos do projeto. Moradores indagados relataram o desejo de criar uma suíte, que não era oferecida em planta, o que foi solucionado com uma porta de correr, como visto na planta abaixo, assim como a necessidade de um escritório, no local de um dos quartos de serviço.



Plantas com as reformas desejadas pelos moradores para se adaptarem melhor ao espaço

A última análise é a do **Edifício Mansão Rodrigo de Freitas**, na Rua Desembargador Burle, 73, lançado em 1981, com quatorze pavimentos residenciais, e três de garagem, além de áreas de lazer privadas. Com 106,88 m² possui uma planta mais típica, com modelo semelhante a muitas outras encontradas no bairro, com funcionalidade simples, circulação íntima em dimensões mínimas.



Planta baixa do apartamento tipo

Nesse exemplo, o quarto de empregada não permite reversibilidade devido à posição, e a cozinha não permite muita abertura para a sala para os que assim preferem. As varandas também não podem ser fechadas, engessando os moradores na convenção do condomínio e da legislação

A partir dos exemplos citados, característicos do bairro, percebe-se como uma parcela da região se encontram em um empasse de uma maior flexibilização do espaço, É possível notar uma variação entre pontos positivos e negativos com relação as soluções de plantas baixas,

Assim, reforça-se a continuação de estudos de novas soluções com relação a distribuição dos ambientes, visando em primeiro lugar, o conforto do morador.

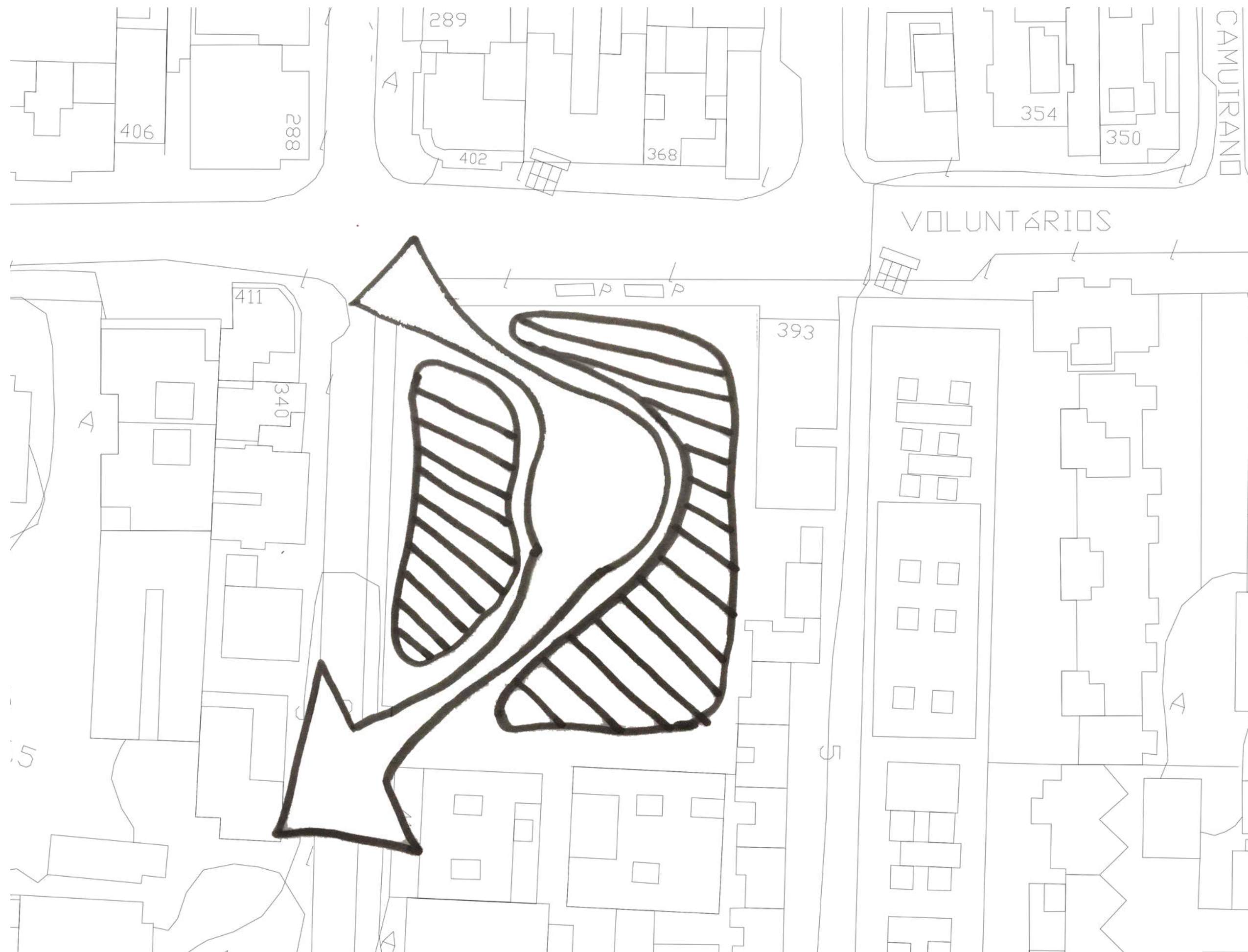
Cabe ao profissional da área pesquisar mais sobre as condições de habitabilidade de forma a prever não só as necessidades atuais dos usuários, quanto as futuras.

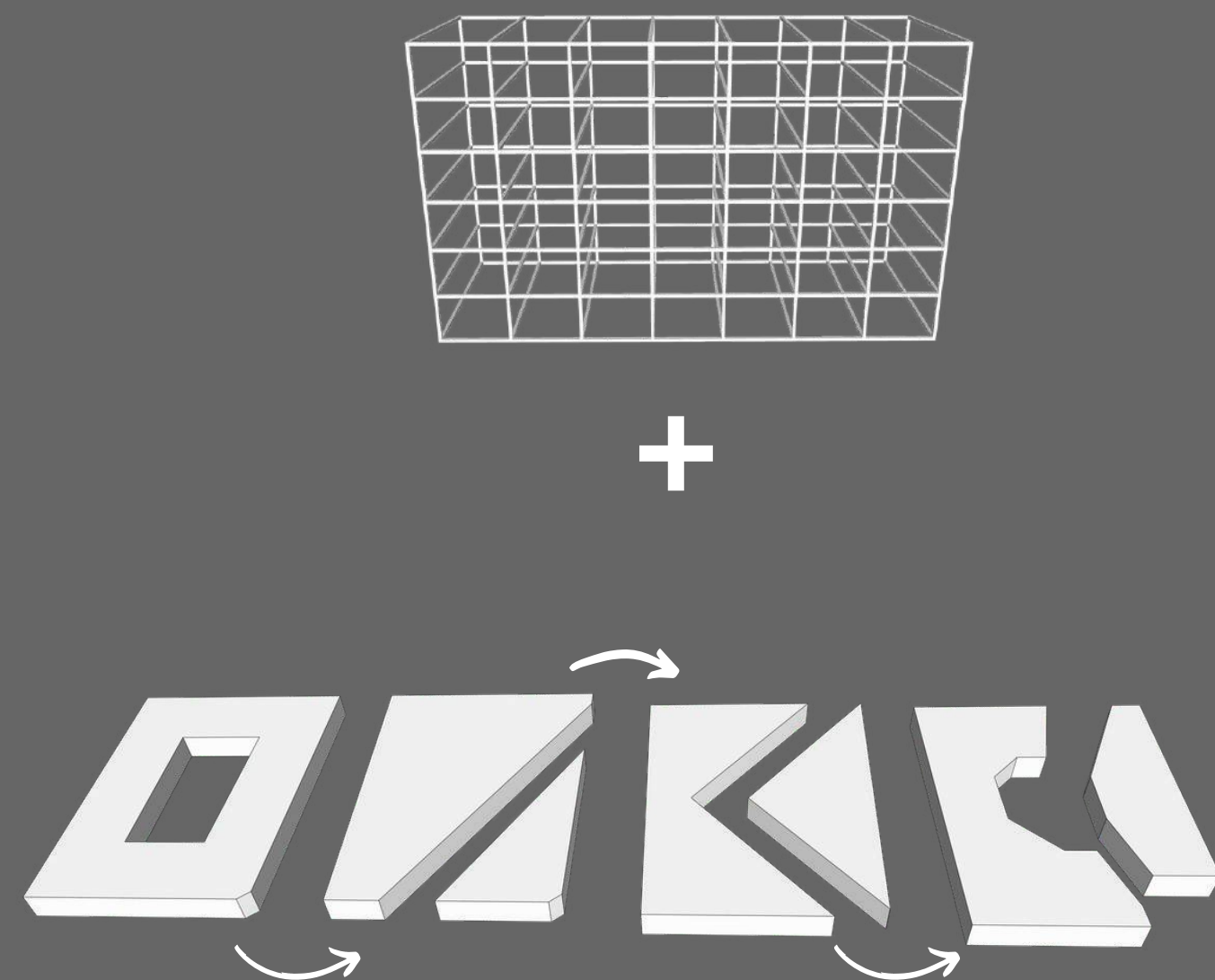
Dessa forma, estuda-se para o Trabalho Final de Graduação 2 possíveis maneiras de permitir essa maior adaptabilidade e liberdade de escolha espacial para moradores do projeto.

Intenção projetual do terreno

Afastamento mínimo das divisas do terreno, para liberar vazios no seu interior, abrindo o edifício para a rua

Deve-se criar pontos de atração de usuários para o núcleo do terreno

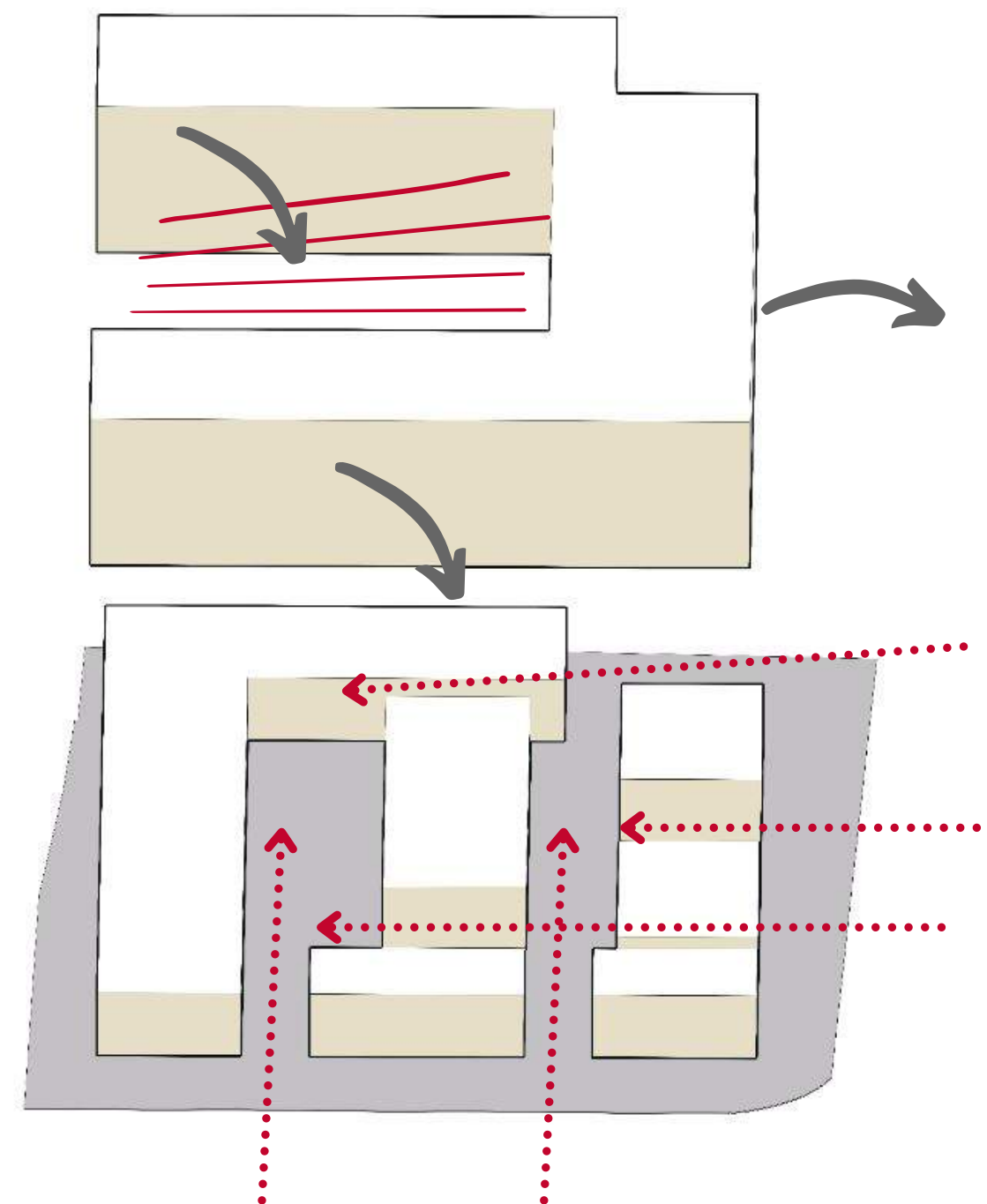




Na base do edifício, onde se concentrariam os serviços, comércio e lazer, estuda-se as aberturas, de forma a criar um espaço público amplo e bem movimentado, servindo como base para a estrutura modular residencial de 5X5 m.

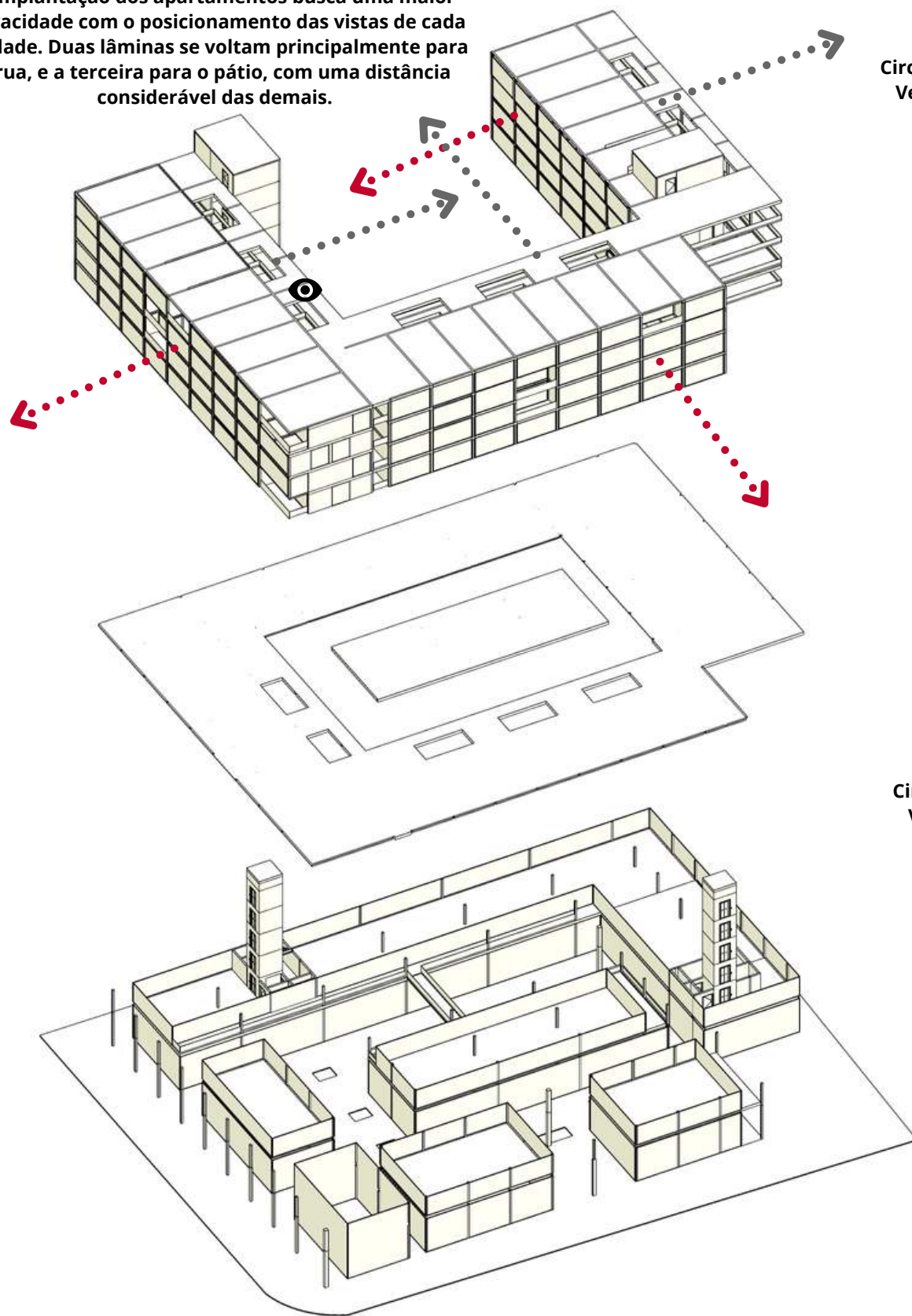
Após testes e análises, o resultado alcançado, com auxílio do módulo, consiste em três corredores "pátios", que criam espaços amplos para apropriação, tanto dos transeuntes quanto das lojas, e para vegetação e mobiliário urbano.

Enquanto isso, a malha em cima acompanha o térreo em forma de três lâminas, criando alguns espaços cobertos nesses corredores térreos. As vistas principais de cada unidade não se encontram, com duas voltadas pras ruas e uma pro pátio interno.

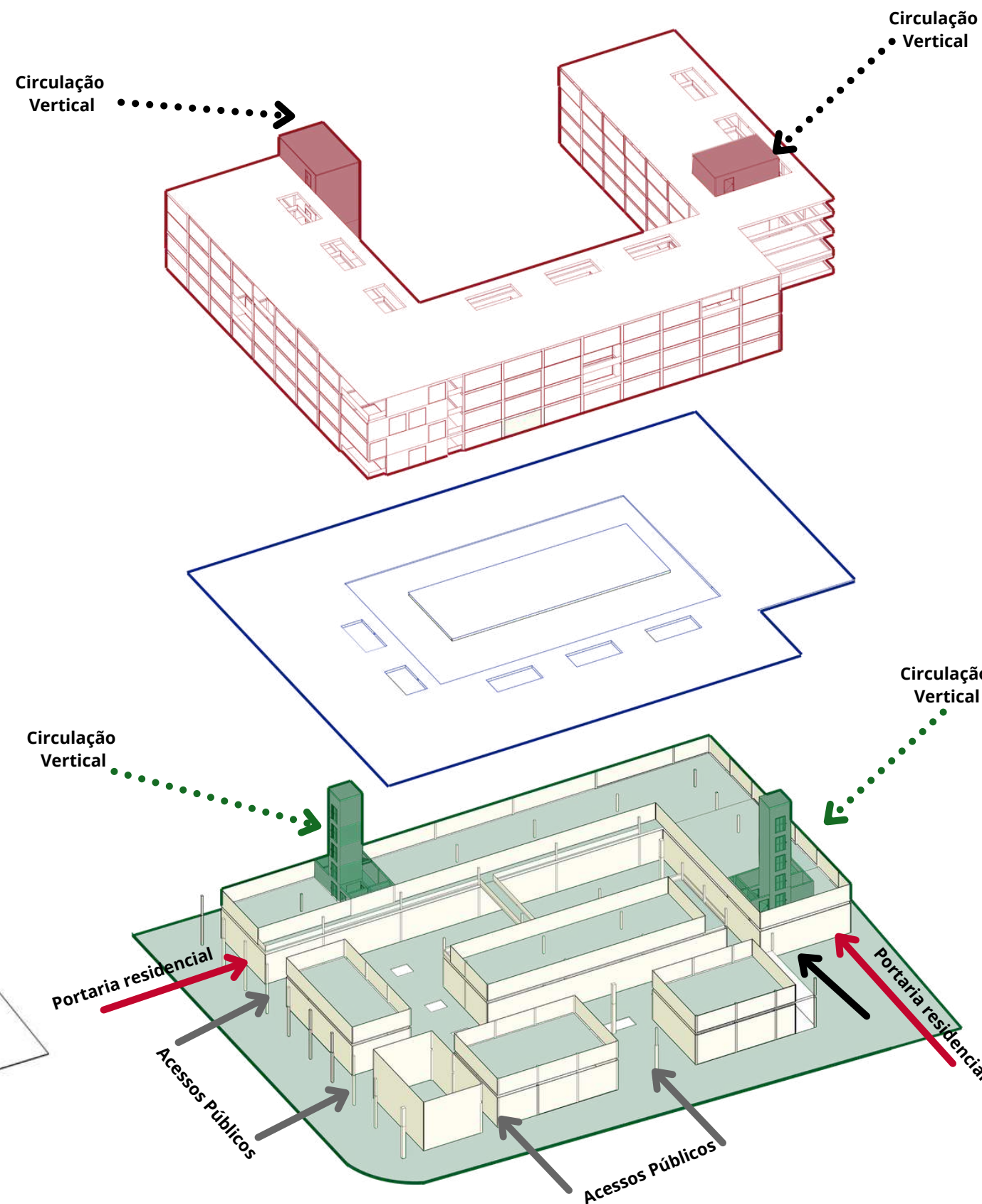




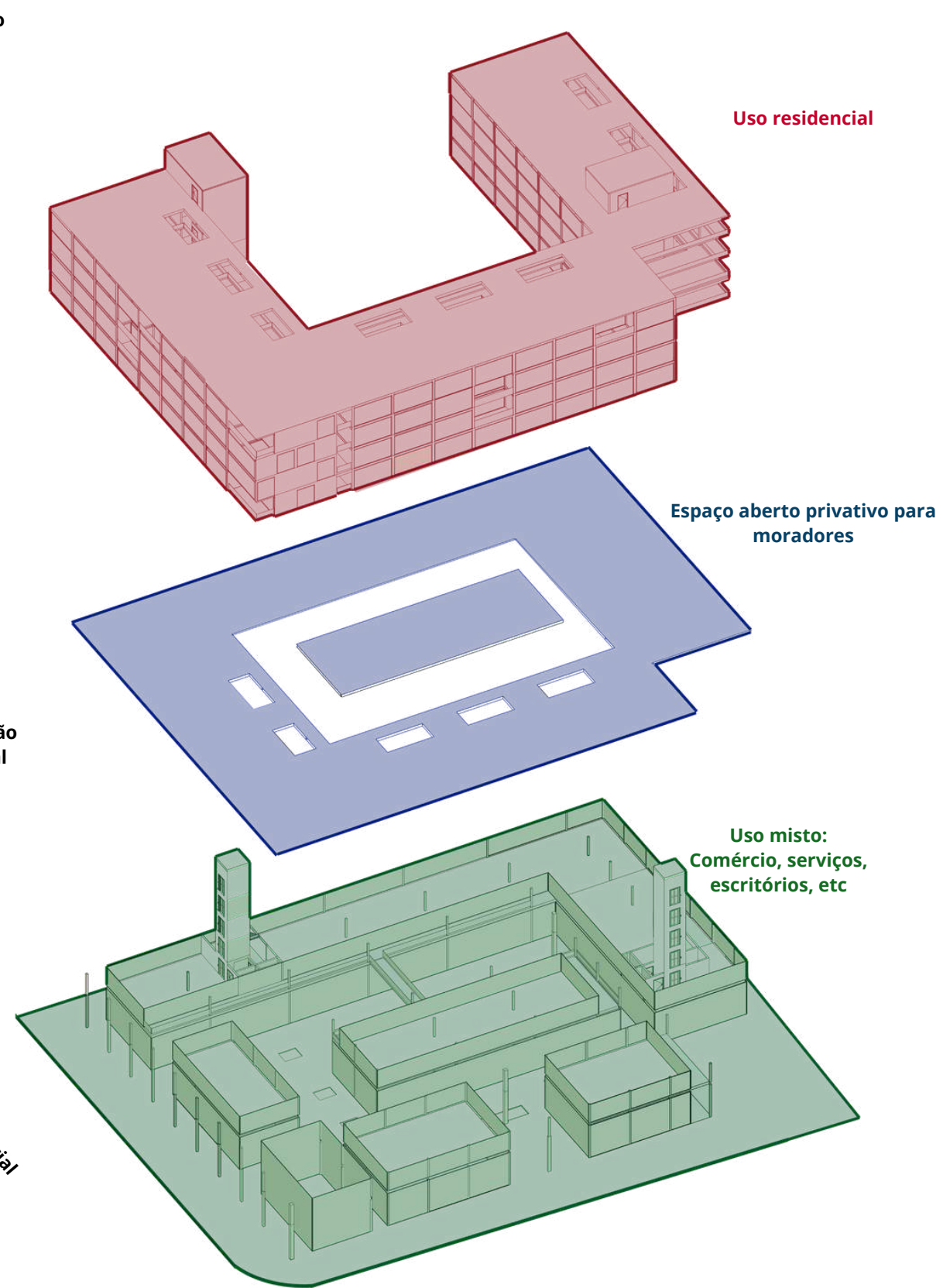
A implantação dos apartamentos busca uma maior privacidade com o posicionamento das vistas de cada unidade. Duas lâminas se voltam principalmente para a rua, e a terceira para o pátio, com uma distância considerável das demais.



Térreo com múltiplas entradas, e máximo de permeabilidade possível com o uso de vitrines, e pé direito duplo, de uso misto até o primeiro pavimento. Pisos superiores de uso residencial, com possibilidade de anexar escritório ao apartamento.

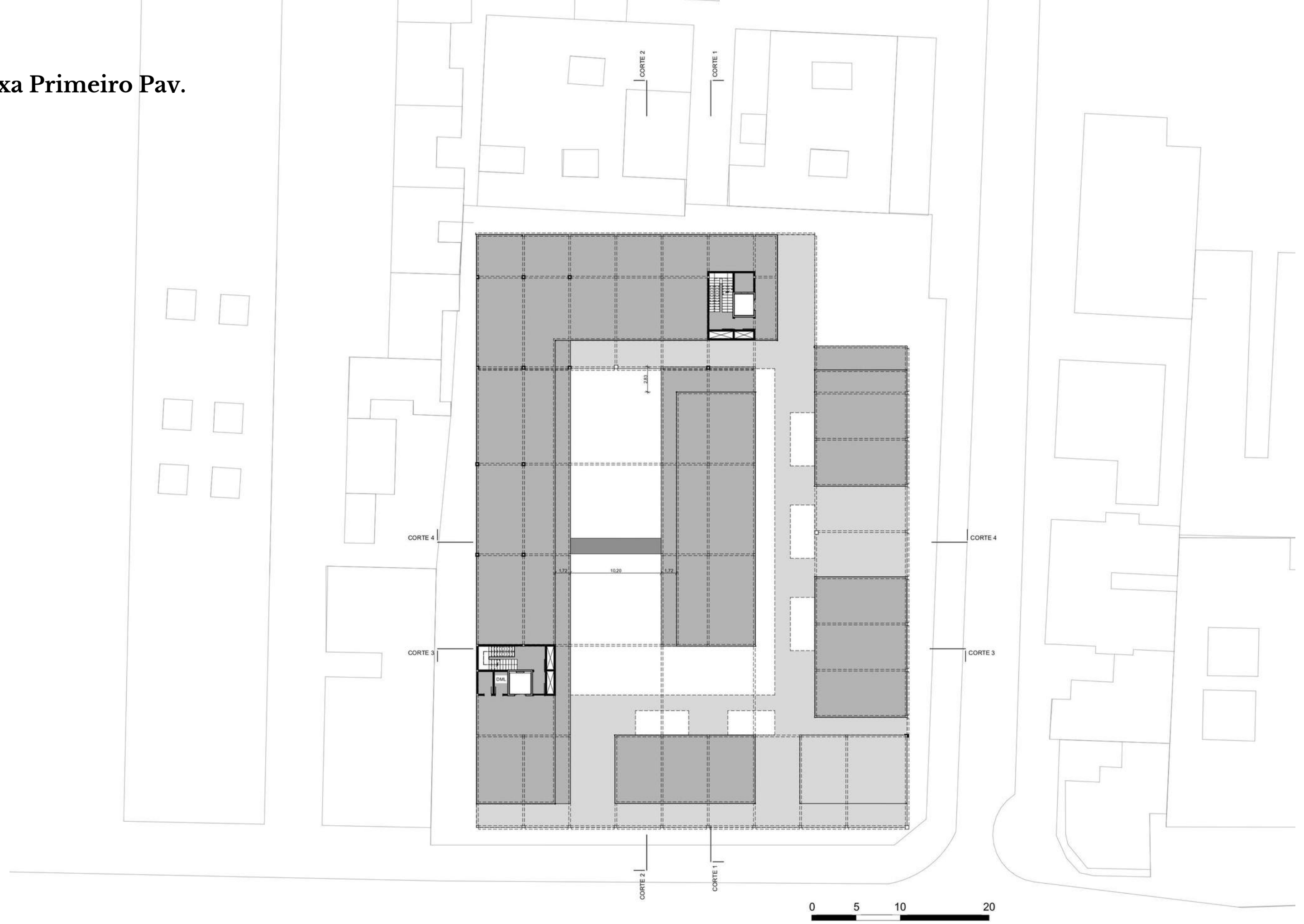


Térreo com circulação livre, e parcial no primeiro pavimento, com a possibilidade de se ter escritórios com acesso restrito. Duas torres com escada de incêndio e elevador em cada extremo do terreno.



Térreo e primeiro pavimento de uso misto; com laje superior a abrigar espaços privados ao ar livre para os moradores (ainda sendo estudado), e restante residencial, com terraços privativos.

Planta Baixa Primeiro Pav.



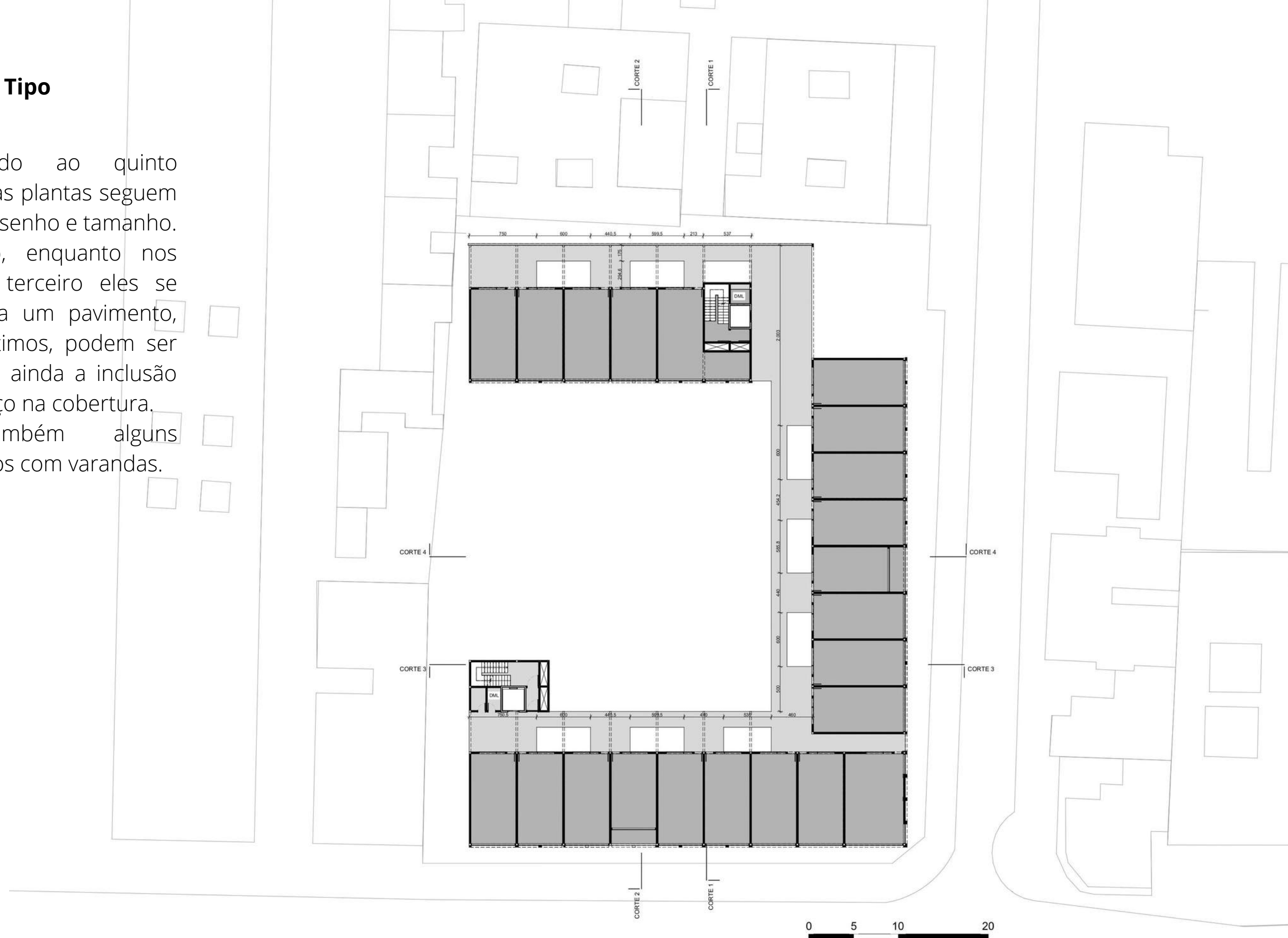
Planta Segundo Pav.

Cada pavimento residencial possui 22 módulos de apartamentos, tendo 20 deles 50 m², enquanto os outros dois possuem aproximadamente 65 m² (ambos na extremidade direita das lâminas paralelas a Rua Voluntários da Pátria).



Planta Pav. Tipo

Do segundo ao quinto pavimento, as plantas seguem o mesmo desenho e tamanho. No entanto, enquanto nos segundo e terceiro eles se restringem a um pavimento, nos dois últimos, podem ser duplex, com ainda a inclusão de um terraço na cobertura. Existe também alguns apartamentos com varandas.



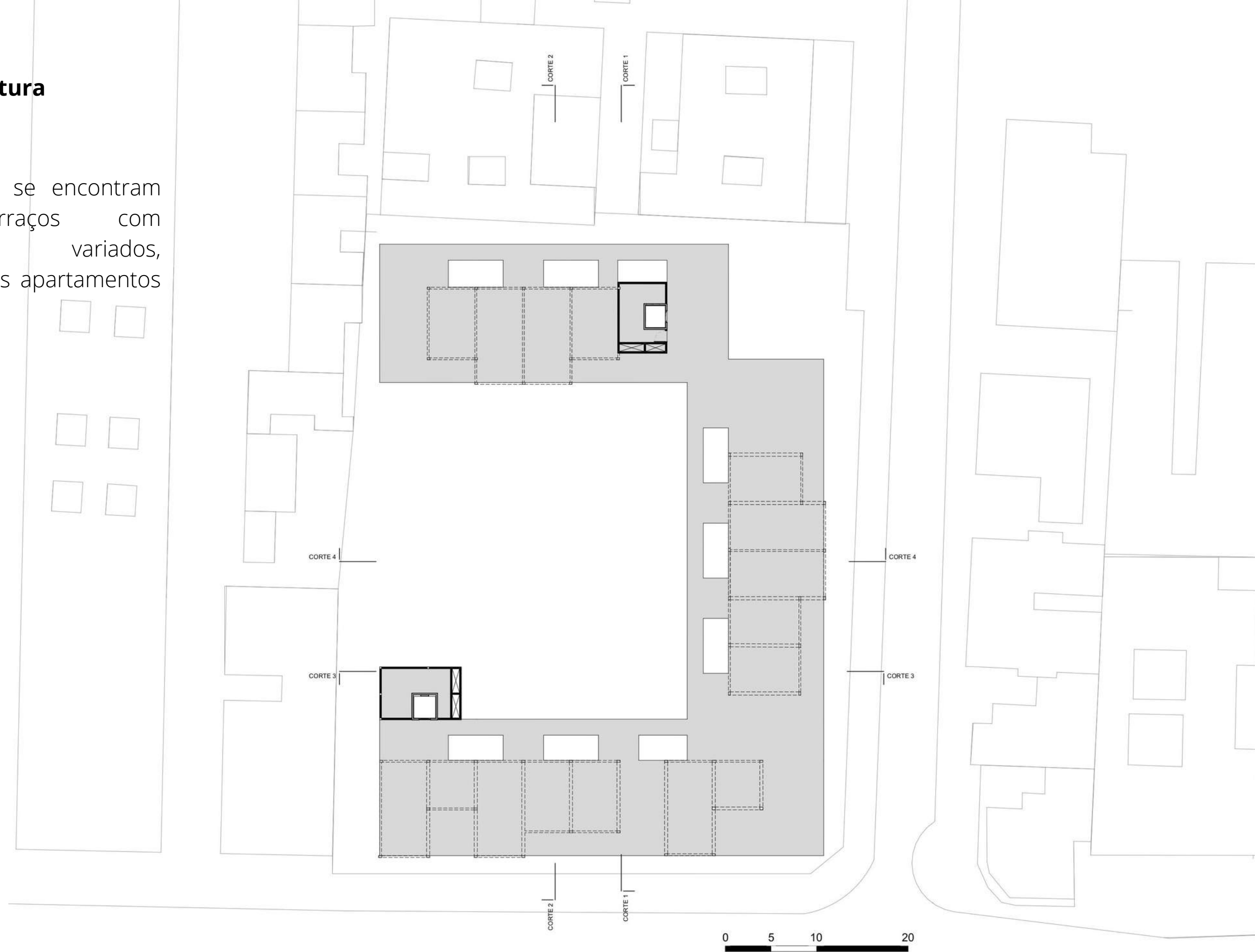
Planta Quinto Pavimento

Exemplifica-se aqui em algumas unidades diferentes possibilidades de duplex, ou de apartamentos simples, com e sem varanda.



Planta Cobertura

Na cobertura se encontram alguns terraços com tamanhos variados, destinados aos apartamentos logo abaixo.



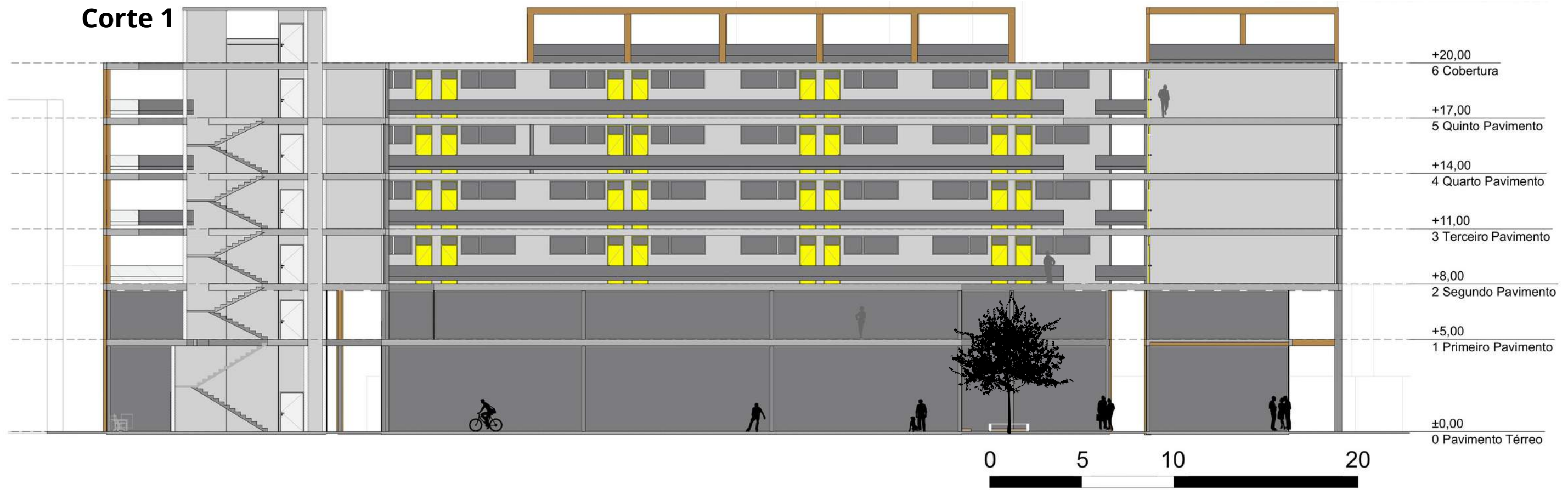
Corte 3



Corte 4



Corte 1



Corte 2





Vista frontal da entrada pela Rua Voluntários da Pátria

Vista da passarela do quarto pavimento



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLIOT, Anthony. A teoria do novo individualismo. Scielo. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200465&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 1 de julho de 2020

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. Disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf. Acesso em 4 de julho de 2020

TRAMONTANO, M. Habitações, metrópoles e modos de vida. Por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo. 3o. Prêmio Jovens Arquitetos, categoria "Ensaio Crítico". São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil / Museu da Casa Brasileira, 1997. 210mm x 297mm. 10 p. Ilustr. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acesso em: 27 de junho de 2020

FOLZ, Rosana. Industrialização da Habitação Mínima: discussão das primeiras experiências de arquitetos modernos -1920-1930. 17 f. 2005. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 95-112, dez 2005. Acesso em: 27 de junho de 2020

NUNES, Denise; VIEIRA, Larissa. Modos de habitar a cidade contemporânea: moradia compartilhada e colaborativa. 2019. 13 f. XVII ENAPUR NATAL 2019. Acesso em: 27 de junho de 2020

VIGLIECCA, Héctor. Casa: a razão de ser de uma cidade. Archdaily Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/873521/casa-a-razao-de-ser-de-uma-cidade-hector-vigliecca>. Acesso em 7 de julho de 2020

CABRAL, Cristina. A multivalência de Sergio Bernardes: Da atualidade da obra de um raro arquiteto, um grande humanista. Vitruvius. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.117/4028>. Acesso em 10 de julho de 2020.

PRADO, Ana. Como a tecnologia está moldando as casas e cidades do futuro. Época negócios. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/08/como-tecnologia-esta-moldando-casas-e-cidades-do-futuro.html>. Acesso em 15 de julho de 2015.

CALABUIG, Deora; GOMEZ, Raúl; RAMOS, Ana. The Strategies of Mat-building. The Architectural Review. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/the-strategies-of-mat-building/8651102.article>. Acesso em 16 de julho de 2020.

Nemausus Housing. Wikiarquitectura. Disponível em: <https://en.wikiarquitectura.com/building/nemausus-housing/>. Acesso em 16 de julho de 2020.

CABRAL, Cláudia. Do Weissenhofsiedlung ao Hansaviertel: A arquitetura moderna e a cidade pensadas desde a habitação. Vitruvius. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.117/4025>. Acesso em 16 de julho de 2020.

Cronologia do pensamento urbanístico. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/tabela.php?year=1950>. Acesso em 17 de julho de 2020.

ROSSI, Aldo. Arquitetura da Cidade. WMF Martins Fontes; 2ª Edição (1 janeiro 2001) 310 p.

Em Casa - Uma Breve História da Vida, Bill Bryson. Companhia das Letras. 14 de outubro de 2011. 548 p.

Botafogo e a sua evolução urbana: um retrospecto. CAMINHA, Julia. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/035.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2020

Chacon, Sonia. Um estudo tipológico das transformações das edificações multifamiliares no Rio de Janeiro entre 1930 e 2000: o caso do bairro de Botafogo. 2004. 256 f. Dissertação do programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acesso em 26 de outubro de 2020
